UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
ÁREA: MATEMÁTICA

Eliziara Pereira Coutinho

"Não precisa pensar que é coisa com coisa,
porque, não é coisa com coisa não!"

PRÁTICAS DE NUMERAMENTO NA PRODUÇÃO DO CHAPÉU DE PALHA DE COQUEIRO INDAIÁ NA COMUNIDADE LAPINHA EM MORRO DO PILAR - MG

Belo Horizonte
2020

Eliziara Pereira Coutinho

"*Não precisa pensar que é coisa com coisa, porque, não é coisa com coisa não!*"
PRÁTICAS DE NUMERAMENTO NA PRODUÇÃO DO CHAPÉU DE PALHA DE COQUEIRO INDAIÁ NA COMUNIDADE LAPINHA EM MORRO DO PILAR - MG

Projeto de pesquisa de monografia apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção da Licenciatura em Educação o Campo - Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca

Belo Horizonte
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Monografia intitulada "***Não precisa pensar que é coisa com coisa, porque, não é coisa com coisa não!***" **PRÁTICAS DE NUMERAMENTO NA PRODUÇÃO DO CHAPÉU DE PALHA DE COQUEIRO INDAIÁ NA COMUNIDADE LAPINHA EM MORRO DO PILAR – MG,** de autoria de Eliziara Pereira Coutinho analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

_____

Profa. Dra. Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca – Orientadora

_____

Profa. Dra. Ilaine da Silva Campos

_____

Prof. Dr. Wagner Ahmad Awarek

Belo Horizonta, 05 de novembro de 2020

Meus agradecimentos

A Deus ou Natureza por me conceder a vida e enchê-la de bençãos.

À minha mãe e meu pai, pelo exemplo, por me ensinarem o amor pela natureza e pela grande amizade.

Aos meus filhos: Orum, Aiê, Mantú e Ori, por me inspirarem, me incentivarem, me apoiarem, me ajudarem na tentativa de ser uma pessoa melhor.

A meu companheiro Bira, por toda a paciência, dedicação e cuidado.

Aos movimentos sociais, pela luta e conquista desse espaço de formação acadêmica destinado às campesinas e campesinos, nas diversas Universidades Públicas Brasileiras.

À minha querida orientadora do coraÇão, pela amizade, pelas deliciosas cantorias nas aulas da Licenciatura em Educação do Campo, pela recepção calorosa em Lavras Novas e pela ajuda fundamental para que eu pudesse desenvolver este trabalho.

Às professoras e aos professores da Faculdade de Educação, que nos instigaram a desenvolver o pensamento crítico.

Às monitoras, monitores, companheiras e companheiros do LeCampo, pelas lições de vida e por tornar a experiência ainda mais valiosa.

Aos professores Wagner Ahmad Awarek e Ilaine da Silva Campos que aceitaram o convite para compor a Comissão Examinadora.

Não vou sair do campo
Pra poder ir pra escola
Educação do campo
É direito e não esmola
O povo camponês
O homem e a mulher
O negro quilombola
Com seu canto de afoxé
Ticuna, Caeté
Castanheiros, seringueiros
Pescadores e posseiros
Nesta luta estão de pé
Cultura e produção
Sujeitos da cultura
A nossa agricultura
Pro bem da população
Construir uma nação
Construir soberania
Pra viver o novo dia
Com mais humanização
Quem vive da floresta
Dos rios e dos mares
De todos os lugares
Onde o sol faz uma fresta
Quem a sua força empresta
Nos quilombos nas aldeias
E quem na terra semeia
Venha aqui fazer a festa

Gilvan Santos

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é descrever o processo de confecção do chapéu de palha de Coqueiro Indaiá pelas trançadeiras da Comunidade Lapinha, município de Morro do Pilar, Minas Gerais, procurando reconhecer nesse processo como essas mulheres protagonizam práticas de numeramento e discutir sobre como isso pode contribuir para as reflexões sobre o ensino de matemática na Educação do Campo. Com esta pesquisa, pretendemos registrar e descrever o processo ancestral da confecção do chapéu de palha de Indaiá, colaborar para a preservação da identidade das trançadeiras e contribuir para a valorização da realidade histórica e cultural da Comunidade Lapinha. Para isso acompanhei um grupo de artesãs trançadeiras da Comunidade Lapinha no município de Morro do Pilar – MG por nove meses. O material empírico foi produzido por meio de observações, conversas, entrevistas, registro fotográfico e gravação em vídeo das atividades envolvidas na produção desse chapéu. Optamos por olhar essa prática de produção de chapéu e identificar nelas práticas de numeramento que nem sempre coincidem com as práticas matemáticas escolares porque a reflexão sobre essas práticas sociais de quantificar, medir, classificar, ordenar, se organizar no espaço, produzir, utilizar e apreciar formas nos ajuda a compreender como as mulheres se relacionam com confecção do chapéu na Comunidade Lapinha e como essa confecção sobrevive ao tempo, apear das dificuldades;

Palavras chaves: Práticas artesanais, chapéu de palha de coqueiro Indaiá, Numeramento. Educação do Campo.

SUMÁRIO

1. PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA 13
Objetivo do estudo 14

2.TRAJETÓRIA DE CAMPESINA, MILITANTE, EDUCADORA E PESQUISADORA 15
2.1 Meus primeiros passos escolares..... 16

2.2 Expandindo os Horizontes 17

2.3 Das capitais, de volta ao interior 18

2.4 Serra do Cipó - Minas Gerais: nosso lugar..... 19

2.5 Luta por direitos da Comunidade 19

2.6 Trabalho social nas Escolinhas do Campo 20

2.7 Enfim Fae – Faculdade de Educação - UFMG! 21

2.8 Educação Do Campo: Direito Nosso, Dever Do Estado!..... 22

3. ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA..... 25
3.1 A eleição da produção artesanal de chapéu de palha de coqueiro Indaiá como objeto de estudo 25

3.2 Procedimentos para a produção do material empírico e as colaboradoras desta pesquisa 28

3.3 Práticas de numeramento como práticas sociais 30

4. O PROCESSO DE CONFECÇÃO DO CHAPÉU DE PALHA DE COQUEIRO INDAIÁ NA COMUNIDADE LAPINHA NO MUNICÍPIO DE MORRO DO PILAR (MG) 33
4.1 A colheita da palha..... 33

4.1.1 Sobre o Coqueiro Indaiá, para começo de conversa..... 33

4.1.2 Colheita da palha do Coqueiro: "*Onde está o facão*?"..... 34

4.2 Preparação da palha do coqueiro indaiá para trançar 35

4.2.1 "*Destalar, cozinhar, lavar, por lá no sol*"..... 35

4.2.2 Palha pronta, agora é rachar em tirinhas fininhas..... 39

4.3 Trançar 40

4.3.1 Hora de trançar a palha: *"Não precisa pensar que é coisa com coisa, porque, não é coisa com coisa não!"*..... 40

4.3.2 Medidas em braças: como assim? 42

4.4 A costura 45

4.4.1 A dança das mãos e o saber ancestral: *"Pra costurar, cê começa aqui aonde vira a trancinha, o pezinho."* 45

4.4.2 O pequeno detalhe da linha e da luz para costurar 49

4.4.3 A costura continua: "*Cê não pode panhá direto, porque senão vira babado puro! Se ocê não panha paia, incombuca assim ó!"* 50

4.5 Enxofrar 52

Um dia de sol para enxofrar 52

4.6 Venda e tradição 57

A prosa continua 57

5. PRÁTICAS DE NUMERAMENTO NA CONFECÇÃO (E NA DESCRIÇÃO DA CONFECÇÃO) DO CHAPÉU DE PALHA DE COQUEIRO INDAIÁ 61

5.1 "*Onde está o facão*?": Práticas de Numeramento e os conhecimentos sobre o coqueiro Indaiá e a colheita da palha 61

5.2 "*É na minguante! Na crescente... coitada minha filha...":* convergências e divergências entre as Práticas de Numeramento da preparação da palha de coqueiro Indaiá para trançar e as Práticas de Numeramento escolares 62

5.3 "*Não precisa pensar que é coisa com coisa, porque não é coisa com coisa não!":* estudos de Práticas de Numeramento e o processo de trançagem da palha 64

5.4 "*Senão ele incombuca*": habilidade, decisões e efeitos nas práticas de Numeramento da costura dos chapéus 66

5.5 Molhar, moldar, queimar, cheirar, abafar: ação, efeito e surpresa nas práticas de enxofrar os chapéus 68

5.6 "V*ou esperar o tempo firmar, a hora que der uma arajinha, eu vou caçar uma palha":* práticas de numeramento, custo, mercado e a decisão de manter a confecção de chapéu de palha de coqueiro Indaiá. 69

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 71

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 74

LISTAGEM DE ABREVIATURAS

APA - Área de Proteção Ambiental

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

EFA - Escolas Família Agrícola

ENERA – Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária

FAE – Faculdade de Educação

IGAM – Instituto de Gestão da Águas de Minas Gerais

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LECAMPO – Curso de Licenciatura em Educação do Campo

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais.

MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário

MEB - Movimento de Educação de Base

MEC– Ministério da Educação

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PROCAMPO - Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

TC – Tempo Comunidade

TE – Tempo Escola

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UNB – Universidade de Brasília

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

LISTAGEM DE FIGURAS

Figura 1 - Coqueiro Indaiá na região de Morro do Pilar (MG- Brasil)Nome científico: Attalea dubia (Arecaceae). Fonte acervo da pesquisadora 25
Figura 2 - Chapéu de palha tradicional confeccionado no Morro do Pilar (MG- Brasil). Fonte acervo da pesquisadora. 26
Figura 3 - Colheita da palha do coqueiro Indaiá na região da Comunidade Lapinha em Morro do Pilar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 34
Figura 4 - Colheita da palha do coqueiro Indaiá, no Sítio Tribo da Terra, Comunidade Lapinha em Morro do Pilar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 36
Figura 5 - Etapa de destalar cada palha de coqueiro Indaiá na Comunidade Lapinha em Morro do Pilar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho. 36
Figura 6- Imagem das palhas amarradas para serem cozidas em água fervendo, os ‘móizim’. Fonte: Fotproduzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 37
Figura 7 - Imagem da lavação de cada palha em água corrente, após serem cozidas. Fonte: Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 37
Figura 8- Imagem da etapa de secagem das palhas ao sol por dois dias. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 38
Figura 9 - Imagem da ferramenta de rachar a palha, chamada de ferro. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 39
Figura 10 - Imagem da palha sendo rachada com o ferro. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 40
Figura 11 - Imagem das palhas rachadas, amarradas, prontas para trançar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 40
Figura 12 - Imagem da trança com treze pontas (treze palhas = 26 tirinhas), trançadas duas palhas por baixo duas por cima. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 41
Figuras 13 - Jovem trançadeira, Leide, moradora da Comunidade Lapinha, Morro do Pilar - MG. Fonte: Arquivo da pesquisadora. 42

Figura 14– Imagem da demonstração da medida “braça”, utilizada para medir a trança. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo..... 43
Figura 15– Para pelar a trança as trançadeiras seguram a ponta da palha a ser aparada com a unha do polegar esquerdo e puxam com a mão direita. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho. 44
Figura 16– Imagem do escassador, instrumento utilizado para passar, ou seja, achatar a trança e prepará-la para ser costurada. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo..... 44
Figura 17 - Imagem da costura das primeiras curvas do chapéu. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 46
Figura 18 - Imagem do início da trança, chamado de pezinho, Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 46
Figura 19 - Primeiros passos da costura do chapéu. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo..... 47
Figura 20–Imagens do início da costura, a copa do chapéu é iniciada. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 48
Figura 21 - Fundo da copa do chapéu, no ponto de descer a copa. Ao lado o rolo de trança amarrada. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 48
Figura 22 - Linha de algodão encerada com um pedaço de cera de abelha. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 49
Figura 23 - A trança é diminuída na largura para o acabamento final da aba do chapéu. Fonte: Arquivo a pesquisadora..... 51
Figura 24 - Na imagem temos alguns instrumentos para a confecção do chapéu: a fôrma de madeira, dois ferros, uma trança, as palhas amarradas e um chapéu pronto. Registrada na casa de Leide. Fonte: Arquivo a pesquisadora. 52
Figura 25 - Molhar o chapéu para enxofrar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo..... 53
Figura 26 - Trançadeira moldando os chapéus depois de molhados, para enxofrar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo..... 53

Figura 27 - No acabamento final os chapéus recebem um carinho especial das mãos, da fôrma de madeira, do vidro e da sabedoria ancestral. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 54
Figura 28 - Caixote preparado com uma vasilha com brasas para enxofrar chapéu. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo..... 55
Figura 29 - Colocando chapéus para enxofrar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo..... 55
Figura 30 - Enxofre em pó para ser queimado nas brasas dentro do caixote. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 55
Figura 31 - Trançadeira cobrindo os chapéus para que recebam a fumaça de enxofre. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo..... 56
Figura 32- Aguardando o enxofre queimar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo..... 56
Figura 33 - Enfim o acabamento final ao chapéu se realiza. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 57
Figura 34 - Satisfação visível da trançadeira ao finalizar uma grande produção uma dúzia de chapéus. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 57
Figura 35 - Lurdinha trançadeira de chapéu da Comunidade Lapinha. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 60
Figura 36 - Chapéu de palha de Indaiá. Figura 37 – Trançadeira Leide. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. 60

1. PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA

Sou moradora de uma comunidade tradicional chamada Lapinha, localizada na zona rural do município de Morro do Pilar no estado de Minas Gerais, 165 km ao norte de Belo Horizonte. A comunidade faz parte da APA - Área de Proteção Ambiental do Parque Nacional da Serra do Cipó. Situa-se entre as montanhas da parte leste da Cordilheira do Espinhaço Meridional. É banhada pelo Rio Picão, e faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio Doce.

A Comunidade Lapinha é formada por uma gente simples, acolhedora e conhecedora da Natureza. Donos de um saber muito especial: o saber da semente. A maioria dos moradores conhece os detalhes de diversos cultivos. Trabalho que aprenderam com os pais, na lida cotidiana desde criança. São camponesas e camponeses que chamam a atenção por manterem sua cultura ancestral, seus saberes e fazeres: a cultura da mandioca, para produção artesanal da farinha; o cuidado com os antigos canaviais, para produção de melado de cana e rapadura. Essas duas atividades são desenvolvidas por quase todas as famílias da comunidade; geralmente a produção é para o consumo próprio. O zelo com as casas e os quintais, as hortas e os roçados são dons das pessoas daqui. Guardiões de saberes ancestrais. Protegidos pela mistura de dois Biomas, o Cerrado e a Mata Atlântica.

Os camponeses da Comunidade sabem produzir variedade de trabalhos manuais e se utilizam de fibras naturais como a taquara e o bambu. Entre esses trabalhos, se destaca a produção manual do chapéu de palha que é feito da folha mais nova do Coqueiro Indaiá. O Coqueiro Indaiá é abundante na região e fornece muitos outros materiais para além do chapéu. As folhas, muito grandes e cheias de hastes, foram utilizadas para cobertura das primeiras casas e palhoças da comunidade. O tronco pode ser utilizado para construção de casas; o fruto para produção de óleo de coco; os talos das folhas para produção de vassoura; e as hastes da folha mais nova para a confecção do chapéu.

Desde que ali fui morar, com meu filho e companheiro, há vinte anos atrás, temos presenciado, participado e aprendido diversas práticas tradicionais. Dessa forma, fui cultivando uma grande admiração pela cultura camponesa da Lapinha e, principalmente, pela resistência das mulheres que, além do trabalho em casa, na casa de farinha, na casa de engenho e no campo, são trançadeiras de chapéu de palha de Coqueiro Indaiá.

Trançar chapéu é uma atividade de alto grau de complexidade e de grande envolvimento com a natureza, faz parte da identidade dessas trançadeiras e está relacionada com a cultura ancestral da comunidade. Por essa admiração e encantamento selecionei a confecção artesanal do chapéu de palha de Coqueiro Indaiá como objeto de estudo deste trabalho de conclusão de curso.

Objetivo do estudo

O objetivo geral deste trabalho é descrever o processo de confecção do chapéu de palha de Coqueiro Indaiá pelas mulheres da Comunidade Lapinha, município de Morro do Pilar, Minas Gerais, procurando reconhecer nesse processo como essas mulheres protagonizam práticas de numeramento, e discutir sobre como isso pode contribuir para as reflexões sobre o ensino de matemática na Educação do Campo.

Também buscamos compreender como as mulheres se relacionam com essas práticas de numeramento e de que forma a confecção do chapéu na Comunidade Lapinha sobrevive ao tempo.

Com esta pesquisa, pretendemos registrar e descrever o processo ancestral da confecção do chapéu de palha de Indaiá, colaborar para a preservação da identidade das trançadeiras e contribuir para a valorização da realidade histórica e cultural da Comunidade Lapinha.

Ao identificarmos, com o nosso olhar de educadoras matemáticas, práticas de numeramento envolvidas nessa produção, não queremos propor a observação desse processo como uma “desculpa” para ensinar matemática. Ao contrário, queremos tensionar a discussão sobre relações entre práticas escolares e práticas do cotidiano, de modo a alertar a nós mesmas e à comunidade escolar sobre como essa relação é delicada e merece nossa reflexão cuidadosa.

2.TRAJETÓRIA DE CAMPESINA, MILITANTE, EDUCADORA E PESQUISADORA

Vivo na Comunidade Lapinha, no município de Morro do Pilar, em Minas Gerais há 20 anos, com meu companheiro e quatro filhos, três deles nascidos ali mesmo, em casa. Nossa família teve a oportunidade de buscar o caminho inverso ao êxodo rural. Eu, nascida no estado do Paraná, e meu companheiro, em Belo Horizonte, buscávamos um lugar tranquilo em Minas Gerais, para morar com nosso filho, junto à Natureza.

Tivemos uma primeira experiência de viver no campo numa Comunidade rural, no Vale do Capão, na Chapada Diamantina, município de Palmeiras, no interior da Bahia, onde fui residir em 1997. Nesse lugar nasceu o nosso primeiro filho, Orum, com a colaboração da parteira Dona Áurea, uma camponesa do Vale do Capão.

Nossa intenção, na época, em 1998, era realmente nos desvencilharmos dos vínculos com o espaço urbano, como trabalho e moradia, e assumirmos uma vida simples, sustentável e tranquila. Porém, no início, parecia um pouco difícil e estar mais perto de Belo Horizonte poderia facilitar as coisas para meu companheiro para a transição e a mudança.

A Serra do Cipó parecia ser perfeita. Então, através de alguns amigos, chegamos nesta comunidade rural de Morro do Pilar, chamada Lapinha. Fomos bem recebidos pelos moradores e, com o passar do tempo, procuramos um lugar para comprar, mas fomos surpreendidos com a doação de um lote de terra por parte de um morador.

Então, fixamos morada nesse território. Aprendemos e trocamos experiências com o povo da comunidade. A partir dessas trocas, conhecemos algumas técnicas de construção de casa com materiais naturais locais. Dessa forma, com a ajuda da comunidade e o conhecimento de meu companheiro, Bira, construímos nossa primeira casinha, coberta de palha de coqueiro Indaiá, paredes de esteiras de taquara, barreadas à mão com argila, fogão a lenha e chão batido.

O tempo foi passando e fomos aos poucos adentrando os saberes e fazeres da comunidade. Trabalhamos junto aos moradores em suas roças, casas de farinha e engenhos de cana. Assim, aprendemos a fazer melado de cana e farinha de mandioca, colhemos feijão, plantamos milho e conhecemos novas espécies de plantas. Fomos também conhecendo sua cultura, suas formas de medir e suas unidades e seus instrumentos de medida.

Conhecemos vários termos que eram novos ou tinham um outro uso para nós: braça, litro, quarta, alqueire.

Na Comunidade Lapinha, a produção agrícola é bem diversificada, mas tem diminuído a cada ano. Alimentos como cana, mandioca, banana, feijão, milho, café são os mais comuns. Muitas famílias dessa região, entretanto, já sobreviveram da renda da confecção de chapéus de palha artesanais trançados e costurados à mão, produzidos pelas mulheres trançadeiras da comunidade. O modo de produzir é marcado por características próprias da comunidade, que sempre teve seus costumes, tradições e sua forma de organização. A produção do chapéu de palha de Indaiá costumava ser uma fonte geradora de renda na comunidade. Hoje essa produção diminuiu muito, mas ainda se apresenta como uma forma de resistência cultural e ancestral.

2.1 Meus primeiros passos escolares

Nasci no campo, no oeste do estado do Paraná, numa cidade pequena chamada Assis Chateaubriand, onde morei até os 23 anos. Meu pai, homem trabalhador, teve várias profissões: sapateiro, alfaiate, farinheiro... Mas, seu trabalho e nossa morada sempre estiveram ligados ao campo. Em minhas primeiras memórias, lembro que ele cuidava do sítio de meu tio, o que envolvia muito esforço de toda a família: minha mãe, meus quatro irmãos, minha avó materna e eu. Eu me lembro que ia entregar leite com meu irmão mais velho numa carroça puxada a cavalo. Eu gostava da vida naquele ambiente rural: era tranquilo e havia fartura de frutas e de espaço para brincar.

Quando completei seis anos, fui para escola de ensino fundamental que ficava na cidade, há uns seis quilômetros de minha casa. Normalmente íamos a pé para a escola, meus irmãos, vizinhos e eu. Caminhávamos ao sol das 11 horas da manhã, de segunda a sexta-feira, através das plantações de soja e trigo, que marcavam o início do desenvolvimento da monocultura na região oeste do Paraná.

O início das aulas no Ensino Fundamental II foi marcado primeiramente pela dificuldade de lidar com uma escola nova com tantos professores e matérias. Nessa escola, havia disciplinas extras, como Técnicas Agrícolas, Técnicas Comerciais, Educação para o Lar e Artes Industriais. Cada disciplina tinha uma sala específica e havia a oportunidade de

adquirir habilidades diferentes, como cultivar uma horta, datilografar, cozinhar e fazer alguns artesanatos. Lembro-me de utilizar os conhecimentos das aulas de técnicas agrícolas com minha avó na horta de casa.

No ensino médio, estudei nessa mesma escola. Na época, a minha preocupação era pensar que rumo tomar no final do ensino médio. Minha família não tinha condições financeiras e eu queria muito continuar os estudos. Na cidade não havia faculdade, então tive de prestar vestibular numa cidade vizinha, chamada Toledo, onde morava minha avó paterna. Lá havia uma unidade da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, com campus em diversas cidades do oeste paranaense.

Passei no vestibular em 1988 para o curso de Serviço Social. A mudança de casa e cidade me fez muito bem e também a companhia de minha avó paterna e tia. Comecei a respirar novos ares. Estudei por um ano e meio nesse campus, mas minha vontade de ir mais longe me levou para a cidade de Maringá, no norte do Paraná, onde estudavam alguns amigos. Então, logo de início em Maringá fiz um curso do SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Desenho de Moda, por três meses, para complementar meus conhecimentos em corte e costura. Durante esse tempo, prestei vestibular na UEM – Universidade Estadual de Maringá, e ingressei no curso de Ciências Contábeis, no segundo semestre de 1989.

2.2 Expandindo os Horizontes

O tempo na Universidade Estadual de Maringá foi marcante. Não só pelo curso, mas por todo o ambiente universitário. Lá, conheci pessoas de diversas partes do Brasil, participei do movimento estudantil, lecionei aulas de Inglês no Cursinho Pré-Vestibular Comunitário, participei do Projeto de Expansão da Capoeira e do Coral Universitário, aperfeiçoei os estudos na língua inglesa no Instituto de Línguas da Universidade.

Estudava inglês desde os 15 anos de idade e queria muito viajar para fora do país. Assim que surgiu a oportunidade, em 1993, aos 23 anos, deixei a cidade de Maringá, a Universidade e fui para Londres, onde morei por um ano e meio. Como havia feito curso de corte e costura aos 15 anos e já tinha desenvolvido habilidade, trabalhei como costureira em vários ateliês da cidade.

A experiência foi transformadora. Convivi com pessoas de diversas partes do mundo, tive que amadurecer às pressas. Convivi com diferentes culturas e através da arte e festivais conheci melhor o Brasil. Fiz boas amizades, viajei pela Grã-Bretanha e França. Participei de grupos de capoeira... E tenho a sensação de que me descobri brasileira, que ama a cultura, as gentes e o sol de seu país.

Quando voltei pro Brasil, no final de 1994, depois de passar uns meses com meus pais, no Paraná, fui morar em Salvador, na Bahia, onde conhecia algumas pessoas. Trabalhei em Salvador numa escola, desenvolvendo aulas de inglês por um ano e meio e pude participar do grupo de capoeira Semente do Jogo de Angola, no Forte Santo Antônio. Essa prática foi muito importante para desenvolver os movimentos corporais, musicais e rituais da capoeira. Pude aprofundar os conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira desenvolvida no Brasil e em especial, na Bahia.

2.3 Das capitais, de volta ao interior

Durante o tempo vivendo em Salvador fiz muitas amizades e fui convidada para ir morar no Vale do Capão, na Chapada Diamantina, no interior da Bahia. Nesse Vale, tive contato com as pessoas nativas do interior e fiquei encantada com sua cultura, seus saberes e fazeres. Eram, na maioria, campesinos agricultores produtores de alimentos tradicionais maravilhosos. Pessoas conhecedoras da Natureza. Um modo de vida rural, muito diferente do qual fui criada no oeste do Paraná, onde os pequenos produtores foram expropriados pelo agronegócio.

A Chapada Diamantina é um lugar cheio de belezas e Natureza estonteante. No Vale do Capão, há um grupo de mulheres parteiras, que realizavam partos domiciliares. Ao serem apoiadas por um médico naturalista, que foi morar na região, puderam continuar realizando partos sem problemas com denúncias! Assim surgiu minha coragem de ter um filho, pois, nunca concordei que hospitais eram o melhor lugar para as crianças nascerem.

Nessa época, 1997, reencontrei um moço mineiro, de Belo Horizonte, que havia conhecido em Londres, dois anos antes. Depois de muito vai e vem, nosso filho nasceu, na Chapada Diamantina, nas mãos de Dona Áurea, uma parteira agricultora do Vale do

Capão, município de Palmeiras, na Bahia. Moramos com nosso filho na Comunidade Rodas do Arco Íris, no Vale do Capão, na Chapada Diamantina por quase dois anos.

2.4 Serra do Cipó - Minas Gerais: nosso lugar

O desejo de estar em Minas nos trouxe para a Serra do Espinhaço, ao norte de Belo Horizonte, onde está situado o Parque Nacional da Serra do Cipó. Através de amigos conhecemos a cidade Morro do Pilar. Fizemos uma caminhada na região em setembro de 1999 e decidimos tentar a vida na Comunidade Lapinha, lugarejo rural, região mais preservada do município, sendo também Área de Preservação Ambiental– APA sobreposta, do município de Morro do Pilar e do Parque Nacional da Serra do Cipó.

A chegada na comunidade Lapinha com a intenção de procurar uma terra para morar ocorreu no último dia de 1999. Chegamos com uma barraca e acampamos no quintal da escolinha rural. Já no primeiro dia, conhecemos um casal que nos recebeu muito bem e nos ofereceu uma casa para ficarmos hospedados, pois não havia ninguém morando nela. Com o passar de seis meses recebemos um 'pedacinho' de terra que nos foi doado por um morador nativo da comunidade. Uma faixa de mata ciliar entre o rio e a estrada. É onde moramos até hoje, ao lado do Rio Picão. Onde nasceram, Aiê, minha filha, Mantú, o terceiro e Ori meu filho caçula.

2.5 Luta por direitos da Comunidade

Moramos vizinhos da Escola Municipal da Comunidade Lapinha, que atende ao ensino fundamental I. Em 2001, o primeiro ano morando nesse território, sentimos necessidade de fazer uma interação com a comunidade para tratarmos de questões ambientais. Então realizamos uma semana de atividades na escola. Com apoio de duas estagiárias do IGAM – Instituto de Gestão da Águas de Minas Gerais, criamos um pequeno aterro para o lixo produzido na escola, coletamos o lixo ao redor, fizemos atividades de reciclagem de papel com os alunos. Apresentamos filmes sobre saúde para toda comunidade, em apoio ao trabalho da nossa querida 'Maria dos Remédios', raizeira que nos atende e ensina, moradora de Morro do Pilar. Discutimos o saneamento da escola, que era direcionado

para o Rio Picão. Solicitamos para a prefeitura a construção de uma fossa de filtragem, o que, apesar da demora, foi atendido.

Nessa época, os alunos dessa escola finalizavam o ensino fundamental e não seguiam os estudos, pois não havia transporte escolar. Então, paralelamente à luta por transporte escolar, solicitei à Secretaria Municipal de Educação uma das salas de aula para montar uma oficina de costura, com reciclagem de retalhos de tecido. Então, convidei a juventude local e iniciamos as oficinas. Desenvolvemos diversos produtos, frutos desse encontro e desse aprendizado. Nessa época, em 2007, iniciamos a participação na Feira de Agricultura Familiar – Agriminas, na Serraria Souza Pinto, em Belo Horizonte.

2.6 Trabalho social nas Escolinhas do Campo

A partir de 2010, realizamos um trabalho voluntário com as crianças na Escolinha da Lapinha. Esse trabalho foi iniciado com a mobilização da Arca das Letras, Biblioteca Rural do extinto MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário. Mobilizamos cinco Arcas para as cinco escolas rurais de Morro do Pilar. A Prefeitura doou material para construir o móvel. Dez jovens Agentes de Leitura receberam formação para cuidar das Arcas como voluntários e praticar o incentivo à leitura nas comunidades. As atividades foram se diversificando: incluímos brincadeiras de roda, capoeira, construção de instrumentos e brinquedos, plantio nas nascentes, culinária regional, xarope e etc.

Através desse trabalho de mobilização da Biblioteca Rural Arca das Letras, conheci o curso de Licenciatura em Educação do Campo - LeCampo. Foi durante um Seminário Estadual da Arca das Letras, realizado pela coordenadora Gildete Mafra, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, no município de Betim, em 2012. Nesse Seminário, a Professora Penha de Souza, professora da FAE – Faculdade de Educação na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, foi palestrar e divulgar o LeCampo. Lembro-me de que, ao final de sua fala, me dirigi a ela, dizendo que iria divulgar para a juventude da minha comunidade. Ela me respondeu que eu também poderia me inscrever. Mas na época, não pensava em voltar a estudar.

2.7 Enfim Fae – Faculdade de Educação - UFMG!

Ao regressar à comunidade, divulguei o curso LeCampo para os jovens Agentes de Leitura, porém não houve adesão. As jovens estavam se casando e não pensavam nessa possibilidade. Passado o tempo, em 2015, resolvi fazer a minha inscrição no LeCampo: aproveitando a oportunidade de fazer uma graduação sem deixar o campo; pensando em melhorar minha atuação na condição de Educadora Comunitária, para, com isso, defender a Educação e a vida digna no Campo; e, até mesmo, pensando em abrir novos caminhos e influenciar positivamente a juventude da comunidade, que, de certa forma, nos tem como referência no meio rural onde vivemos.

Na época que conheci o LeCampo, como disse, não pensava em retornar aos estudos e fazer uma graduação; mas, com o passar do tempo, fui vendo meus filhos crescerem, se tornarem cada vez menos dependentes de mim. Então, em 2015, me inscrevi no ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio e enviei a documentação que a FAE-UFMG solicita na realização da inscrição para o curso. Felizmente, apesar de 23 anos fora do ambiente escolar, consegui ingressar na LeCampo, na UFMG, na turma da Matemática em 2016.

A Mística[1] de recepção das novas turmas do LeCampo é um momento muito especial, e é preparada pela turma do ano anterior. A nossa recepção foi preparada pela turma da CSH - Ciências Sociais e Humanidades. A partir dessa Mística, percebi que não estava somente ingressando em um curso de graduação. Percebi que o LeCampo tinha 'algo mais' que eu não sabia. Pude compreender melhor as entrelinhas do novo movimento em que estava sendo inserida. Conheci bandeiras de diversos movimentos sociais dos campesinos e de seus territórios, que lutam pela terra e pela Educação do Campo; entre eles o Movimento Sem Terra, a Associação das Escolas Família Agrícola, a Via Campesina, os Geraizeiros, a Juventude Rural, Confederação, Federação e Sindicatos de Trabalhadores Rurais, o Movimento do Atingidos por Barragens –MAB, entre outros. Na Mística de recepção, os estudantes traziam nas mãos as bandeiras desses movimentos, que fazem parte da luta pela Educação do Campo, e falaram sobre cada um deles. Recebemos uma lembrança como presente, com sementes de girassol (símbolo da

[1] A "Mística" é uma dinâmica coletiva e celebrativa realizada pelos estudantes do Lecampo a partir de um tema, que convoca à reflexão e procura incentivar para a luta. Tem sua origem nas Místicas celebradas nos movimentos sociais do campo, em especial, o MST. Para Mosquen (2011), a mística na Educação do Campo é o que propicia a crença na vida, na dignidade das pessoas, na rebeldia pela liberdade, na solidariedade universal. Essa convicção que nasce do coração e torna-se energia contagiante.

Educação do Campo) e um anel de tucum, que marca o engajamento com as lutas sociais. Foi um momento de aprendizado intenso, onde as bandeiras, o anel de tucum e as palavras de ordem que ecoaram pelo ambiente marcaram para sempre nosso ingresso na luta pela Educação do Campo. Hoje sinto-me honrada em fazer parte do movimento pela Educação do Campo, por divulgar o Curso e por interagir com os jovens e as crianças nas Escolas da Comunidade, por ter mobilizado a Biblioteca Rural Arca das Letras e por compreender que o saber não ocupa espaço: devemos estar sempre buscando crescer e aprender.

2.8 Educação Do Campo: Direito Nosso, Dever Do Estado!

Apresento agora um pequeno resumo do início da luta pela Educação do Campo em nosso país baseado no que está descrito no Dicionário da Educação do Campo. No verbete "Educação do Campo" escrito para o Dicionário da Educação do Campo (CALDART et al, 2012), Roseli Caldart (2012) aponta o 1° ENERA – Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária em 1997, em Luziânia, Estado de Goiás, como o marco do surgimento do movimento de Educação do Campo no Brasil. Nesse evento, a discussão principal era de como garantir que as pessoas do meio rural tivessem acesso a uma educação voltada para a valorização de sua cultura. Assim, surgiu a ideia de se organizar uma Conferência Nacional Por Uma Escola Básica do Campo, que realizada nessa mesma cidade, um ano depois, em1998. Essa conferência foi promovida pelo Movimento Sem Terra (MST), pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), pela Universidade de Brasília (UnB), pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Outros eventos e iniciativas contribuíram para as discussões que foram consolidando o movimento por uma Educação do Campo: o II Seminário de Educação do Campo, realizado em 2002; a II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo (II CNEC), realizada em 2004; a criação, em 2005, da Coordenação Geral de Educação do Campo no Ministério da Educação (MEC); a criação de uma Coordenação Geral de Educação do Campo no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)/Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), em 2006; a realização dos seminários estaduais de Educação do Campo promovidos pelo MEC em praticamente todos os estados brasileiros, nos anos de 2005 e 2006; os dois Seminários de Pesquisa em Educação do Campo, realizados em 2005 e em 2008; a criação do Programa Saberes da Terra, em 2005 e a

criação do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO) em 2006.

Os organizadores do Dicionário da Educação do Campo, em sua introdução, ressaltam que o movimento pela Educação do Campo em nosso país tem como porta de entrada a luta pela Reforma Agrária, que trouxe como protagonistas os movimentos sociais principalmente o Movimento Sem Terra –MST, determinando uma forma de luta social que expõe a relação tensa entre movimentos sociais e Estado na sociedade brasileira (CALDART et al, 2012).

Para Roseli Caldart (2012), uma militante e estudiosa da Educação do Campo, que inspira muitas de nossas reflexões, a expressão "Educação do Campo" fala de algo maior do que apenas uma ação pedagógica no meio rural. Para a autora, "Educação do Campo"

> nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana (p. 259).

Assim, Caldart (2012) chama nossa atenção para o protagonismo dos movimentos sociais camponeses na origem da Educação do Campo, o que nos ajuda a compreender que ela possui em sua essência a "consciência de mudança" ou transformação da realidade educacional, que é projetada para além dela mesma, ou seja, na luta por terra, trabalho e território. Esse compromisso com a mudança da realidade educacional e também do contexto mais amplo em que ela se insere está, assim, na origem e no desenvolvimento da Educação do Campo. A autora destaca que

> O esforço feito no momento de constituição da Educação do Campo, e que se estende até hoje, foi de partir das lutas pela transformação da realidade educacional específica das áreas de Reforma Agrária, protagonizadas naquele período especialmente pelo MST, para lutas mais amplas pela educação do conjunto dos trabalhadores do campo. Para isso, era preciso articular experiências históricas de luta e resistência, como as das Escolas Família Agrícola (EFA), do Movimento de Educação de Base (MEB), das organizações indígenas e quilombolas, do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), de organizações sindicais, de diferentes comunidades e escolas rurais, fortalecendo-se a compreensão de que a questão da educação não se resolve por si mesma e nem apenas no âmbito local: não é por acaso que são os mesmos trabalhadores que estão lutando por terra, trabalho

> e território os que organizam esta luta por educação. Também não é por acaso que se entra no debate sobre política pública (CARDART, p.261).

Nesse sentido, a disposição da Educação do Campo de oferecer uma educação escolar específica associada à produção da vida, do conhecimento e da cultura do campo, desenvolvendo ações coletivas com a comunidade escolar numa perspectiva de qualificar os processos de ensino e de aprendizagem, faz parte de uma luta mais ampla, à qual se somaram outros movimentos sociais e também instituições públicas, conscientes de seu papel social. Nesse sentido, a Educação do Campo conquistou parceiros especiais: professoras e professores das nossas universidades públicas e, a partir desses sujeitos, as próprias Universidades. Nesse encontro, a luta foi sendo fortalecida, cresce e se fortalece a cada dia.

Aliando-me a esse compromisso, ser aluna da Licenciatura em Educação do Campo significa, para mim, estar atenta e engajada na luta política e social dos povos do campo, em defesa da vida, da cultura, da educação e dos direitos dos campesinos e de suas gerações futuras.

3. ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

3.1 A eleição da produção artesanal de chapéu de palha de coqueiro Indaiá como objeto de estudo

Ao conhecer a prática artesanal da confecção do chapéu de palha de coqueiro Indaiá na Lapinha em Morro do Pilar, enchi-me de encanto. Quando recém-chegada na comunidade, observava as mulheres de todas as idades, carregando suas palhas debaixo do braço, trançando com as mãos numa rapidez impressionante, enrolando no outro braço uma longa trança de palha. Às vezes elas estavam costurando um chapéu, com agulha de mão e linha de algodão encerada com cera de abelha. Percebia a beleza e a riqueza dessa prática cultural. Todos que veem pela primeira uma trançadeira fazendo uma trança se admiram.

Essa prática artesanal é uma manifestação cultural que marca e distingue a identidade da Comunidade Lapinha. Sonia Carbonell Álvares, em seu artigo: A pedagogia artesã como práxis educativa em culturas populares tradicionais (ÁLVARES, 2019), descreve a práxis educativa do ofício cerâmico em uma comunidade tradicional e os modos de ensino e aprendizagem em territórios de trabalho artesanal. Ela relata que

> No vasto território latino-americano, desde a conquista até os dias atuais, uma grande diversidade de culturas espraiou-se originando uma realidade de amplitude simbólica multifacetada, rica em expressões artísticas, transmitidas especialmente pela tradição oral. Dessas manifestações, destacamos o artesanato como atividade portadora de valores que marcam e distinguem traços identitários nas sociedades tradicionais, em que desempenha um importante papel de coesão no tecido social (ÁLVARES,2019, p. 3).

Figura 1 - Coqueiro Indaiá na região de Morro do Pilar (MG- Brasil)Nome científico: Attalea dubia (Arecaceae). Fonte acervo da pesquisadora

Figura 2 - Chapéu de palha tradicional confeccionado no Morro do Pilar (MG- Brasil). Fonte acervo da pesquisadora.

Nesses primeiros contatos com as mulheres da comunidade, no momento de chegada, pude perceber que essa prática artesanal ancestral era uma das importantes expressões da identidade local. Ficava perguntando para as trançadeiras como era feito o chapéu, qual era o material usado, como era preparado. Com o passar do tempo, morando na Comunidade, fui flagrando momentos diferentes da confecção do chapéu quando visitava as casas de minhas vizinhas trançadeiras. Pensava: como essa prática tem resistido ao tempo? Como permanece viva essa tradição de geração em geração? Qual teria sido a matriarca que deu início aos primeiros passos para criação do chapéu?

Essas questões perpassam pela tradição da prática artesanal pertencente a um povo e pela reflexão sobre como o fazer artesanal pode fortalecer as relações familiares e comunitárias. Álvares (2019) nos convida a refletir sobre como "o artesanato comumente praticado nos pequenos povoados consagra a partilha de conhecimentos entre as gerações", destacando que "a atividade manual fortalece as relações sociais, engendrando princípios de solidariedade" (p.3). Ela mostra que as práticas artesanais contribuem para o sentimento de pertencimento à comunidade:

> Do esteio na família, da cooperação na vizinhança ao pertencimento à comunidade como um todo, a constituição da vida é tecida nas práticas do fazer artesanal. (ÁLVARES, 2019, p. 3)

Na Comunidade Lapinha, percebemos que as relações sociais estabelecidas entre as trançadeiras são fortalecidas pela solidariedade. Quando uma trançadeira não pode mais ir ao campo colher a palha, devido à idade avançada ou qualquer outro problema, outras trançadeiras fazem esse trabalho em seu lugar e lhe entregam a palha pronta para trançar.

Outro fato que já me chamava a atenção era a questão de gênero: a atividade de confecção do chapéu é predominantemente feminina na Comunidade Lapinha. Também me interessava a questão dos modos de transmissão de saberes entre as gerações. E, principalmente, eu me perguntava como a ancestralidade e a resistência compõem essa prática de confeccionar chapéu de palha de coqueiro Indaiá naquela Comunidade.

Eu notava um sentimento de orgulho nas trançadeiras: ao finalizar um chapéu, elas verificam se realmente ele se encontra perfeito, pois sabem que desempenham uma tarefa complexa e delicada.

Essa prática, além de todo o valor cultural, é também uma fonte de renda para essas mulheres e, não são raras as histórias de mães criarem suas famílias com renda do chapéu. Entretanto, hoje em dia, há dificuldades para a comercialização dos chapéus, principalmente porque as práticas artesanais, como fala em seu trabalho Alvares (2019), têm enfrentado

> o modelo urbano-industrial da sociedade contemporânea, centrado no consumo de bens e serviços, depredador dos recursos naturais, ávido pelo progresso tecnológico, [que] põe em perigo as formas de vida que permanecem dependentes exclusivamente do trabalho com as mãos. Às vezes valorizado, às vezes desprezado, o artesanato transita por um espaço instável entre o turismo, o consumo das classes desvalidas e os gostos da elite (ÁLVARES, 2019, p. 3).

As trançadeiras, no entanto, ao sentirem que essa prática faz parte de sua herança cultural, acabam dando continuidade a essa arte ancestral. Não se apartam das próprias raízes e do sentido sociocultural de seu trabalho. Há, sim, muita sabedoria e ancestralidade nesse processo. Há também a boa convivência entre elas e a organização natural das trançadeiras nas diversas formas e fases da produção. Há quem trança e não costura, há quem somente costura as tranças das companheiras. E há também quem colhe a palha, prepara e oferece para quem quer trançar, mas não vai ao campo. Depois, essa trança que é feita com a palha cedida, é medida em braças e enviada de volta para a costura. Assim, quando o chapéu for vendido, se divide a renda entre as duas envolvidas. Há mulheres que preferem fazer todo o processo sozinha: colheita, preparo da palha, trançado, costura e acabamento. Apesar de toda a modernidade e os avanços tecnológicos, ainda há comunidades que preservam e lutam para manter suas práticas e tradições ancestrais.

Ao se prestar atenção no trabalho com o chapéu, no modo como é trançado, costurado, sua forma e acabamento, percebe-se imediatamente a complexidade do trabalho. Há o modo de preparar o material, o modo de trançar, o modo de medir a trança em braças, de se pegar os pontos da trança para que a costura fique invisível, contar os pontos e as voltas de cada parte do chapéu, saber começar e terminar.

Além da complexidade da confecção, essa atividade tem um papel de tensionamento das relações humanas e econômicas na Comunidade. É uma das poucas formas que as mulheres da comunidade encontram para trabalharem e produzirem um chapéu que vem de uma fonte natural e abundante na região (a folha mais nova do coqueiro conhecido como Indaiá). Dessa forma, com esse trabalho as mulheres, conseguem alguma independência, devido à renda do chapéu.

Foi dentro dessa atmosfera de admiração e encanto que fui me reencontrando com a beleza da arte de trançar chapéu durante as aulas da Licenciatura em Educação do Campo – LeCampo na FAE – UFMG, quando o assunto era as práticas campesinas que se relacionam com a matemática. O interesse por estabelecer essa relação me levou a buscar referências para estudá-la e me entusiasmou a eleger esse tema para o meu trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo – com habilitação em Matemática.

3.2 Procedimentos para a produção do material empírico e as colaboradoras desta pesquisa

Como procedimento para a produção do material empírico que iria subsidiar nossa reflexão, optamos pela observação participante, acompanhando algumas trançadeiras da comunidade Lapinha no Município de Morro do Pilar – MG por nove meses, durante todas as etapas necessárias para a confecção do chapéu, desde a colheita da palha do coqueiro indaiá na mata próxima à comunidade, passando pela preparação desse material para ser trançado, a confecção da trança, a costura do chapéu, até o acabamento final. Também vamos citar as condições atuais de comercialização desse chapéu.

O material empírico foi produzido por meio de observações, conversas, entrevistas semiestruturadas, anotações no diário de campo, registro fotográfico e audiovideográfico das atividades envolvidas na confecção desse chapéu.

As mulheres cujo trabalho observei são camponesas nativas da Comunidade Lapinha em Morro do Pilar. São mulheres fortes de muita resistência. Trabalham nas plantações, nas hortas, quintais, produzem melado, farinha de mandioca, colhem café, aproveitam frutos para produção de doces, e, além de tudo isso, ainda trançam chapéu de palha.

Para dar início aos trabalhos de campo, convidei quatro trançadeiras bem chegadas a mim. Duas trançadeiras que decidiram colaborar para esta pesquisa são mãe e filha: Conceição, a mãe, e Leide, a filha. Temos muito convívio desde que chegamos na Comunidade: aprendemos muito com elas sobre a produção de melado de cana e rapadura; trabalhamos junto desde nossa chegada e até hoje. As duas confeccionam o chapéu em parceria e demonstram bem o fato de que a transmissão de conhecimento entre gerações acontece em muitas famílias da comunidade.

Expliquei para as colaboradoras sobre o trabalho de conclusão de curso. Falei da admiração que tenho pelo trabalho que elas fazem e que havia escolhido descrever o processo de confecção do chapéu para aprender mais sobre o trabalho delas e deixar um registro escrito ou até mesmo uma filmagem. Indaguei se elas gostariam de colaborar com minha pesquisa. Conceição me respondeu que poderia colaborar, mas que não fizesse imagem dela. Leide, por ser mais jovem, não se importou que fossem feitas gravações e imagens dela e seu trabalho. Nós temos um bom convívio e estamos sempre nos encontrando. Ela é muito dedicada, está sempre disposta a aprender coisas novas, e tem muita habilidade com trabalhos manuais.

Minha amiga tem uma especificidade: é surda; e nos comunicamos através de gestos caseiros. Ela não teve a oportunidade de prender Libras – Língua Brasileira de Sinais, então vamos criando gestos e descobrindo uma forma de comunicação entre nós. Interagimos muito durante alguns anos, especialmente por volta do ano 2003, nas oficinas de corte e costura que montamos na escolinha da nossa comunidade, aproveitando retalhos de tecido vindos de Belo Horizonte. Fiquei feliz em ver que ela estava satisfeita em participar desse trabalho.

Outras duas mulheres, entrevistadas nesta pesquisa são minhas vizinhas também; não éramos ainda muito próximas, mas também tínhamos um bom contato. Elas possuem o mesmo nome: Lurdes. Então costumamos chamar uma de Lurdes e a outra carinhosamente de Lurdinha, pois esta aparenta ter menor estatura do que a outra. Elas estão sempre juntas e são divertidas nessa relação de amizade. São agricultoras, mulheres

fortes e dedicadas ao trabalho. Trançam palha de chapéu desde que eram meninas e gostam dessa atividade, apesar de a labuta diária delas estar muito ligada aos plantios, às colheitas, à produção de farinha de mandioca, rapadura. O trabalho com o chapéu, elas realizam é "nas hora", como elas denominam os momentos de "folga", depois do trabalho diário.

Elas não aparentam a idade que têm: 72 anos. São pessoas ativas e saudáveis. Nascidas e criadas na Comunidade Lapinha, nunca pensaram em deixar a comunidade. Têm orgulho de seu trabalho: gostam de falar sobre como eram os tempos antigos e eu gosto de indagar e conhecer mais sobre essa história, que me faz lembrar as histórias que meu pai costuma contar sobre a vida no campo no interior do Paraná.

3.3 Práticas de numeramento como práticas sociais

Ao buscar fundamentos teóricos para a investigação do processo de produção do chapéu de palha de coqueiro Indaiá realizado pelas mulheres da Comunidade Lapinha, município de Morro do Pilar – MG, busquei subsídios nas discussões sobre perspectivas da Educação Matemática nas aulas que tivemos no LeCampo na Fae – UFMG, e reconheci nos estudos sobre práticas de numeramento uma possibilidade de fundamentação teórica desta pesquisa.

Nesse sentido, busquei nos trabalhos de pesquisa e de intervenção pedagógica do Grupo de Estudos sobre Numeramento - GEN - da Faculdade de Educação da UFMG algo que pudesse contribuir no desenvolvimento e na análise de investigações deste trabalho monográfico. O GEN está vinculado à linha de pesquisa Educação Matemática, do Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da UFMG. O Grupo foi formado em 2005, motivado pela necessidade de uma articulação entre os diversos projetos de pesquisa desenvolvidos no Programa que tematizam as relações entre práticas matemáticas e letramento.

Segundo Fonseca (2017), "práticas de numeramento" é uma expressão usada para nomear práticas sociais que os sujeitos protagonizam para atender as demandas da vida social, mobilizando conhecimentos e procedimentos que associamos ao que entendemos como matemática: quantificar, medir, ordenar, classificar, orientar-se no espaço, apreciar

e utilizar formas. Para a autora essas práticas poderiam ser chamadas simplesmente de práticas matemáticas.

> Todavia, a opção por mobilizar a expressão práticas de numeramento tem uma intenção deliberada: evitar que se compreendam essas práticas necessariamente atreladas à Matemática Acadêmica (a matemática que os matemáticos profissionais desenvolvem) ou à Matemática Escolar (a matemática que tradicionalmente se ensina na escola), com sua linguagem específica, seus conceitos e definições e seus procedimentos padronizados (FONSECA, 2017, p. 111).

Dessa forma, diversas atividades realizadas na vida das pessoas do campo, mesmo que não envolvam a matemática escolar, são práticas culturais e podem vir a ser interpretadas como práticas de numeramento para nos auxiliar a compreender melhor a relação das pessoas e dos grupos sociais com essa atividade.

Segundo a autora a expressão "práticas de numeramento" nos remete de propósito à expressão "práticas de letramento", porque

> quer caracterizar a atividade matemática como prática social, que se constitui nos processos de apropriação não só códigos e sistemas, mas de uma cultura que, certamente, envolve linguagens e procedimentos matemáticos, mas que se constitui na produção, na mobilização e na disputa de ideias, de intenções, de argumentos e de valores, por pessoas e grupos que realizam, narram, analisam, validam ou contestam contagens, medições, classificações, ordenações, localizações no espaço, etc... ((FONSECA, 2017, p. 112).

Dessa forma, a inclusão das práticas de numeramento entre as práticas de letramento quer promover "uma compreensão das relações matemáticas como práticas culturais, estabelecidas na dinâmica das lutas sociais com certas intenções, e em atendimento aos interesses de grupos em disputa" (FONSECA, 2017).

Assim julguei que, na mesma perspectiva desses estudos, poderíamos entender que as práticas na confecção artesanal do chapéu de palha de coqueiro Indaiá na Comunidade Lapinha, no município de Morro do Pilar, podem ser vistas e interpretadas como envolvendo práticas sociais de numeramento e que isso nos ajudaria a entender melhor sua dimensão social e cultural, para além da habilidade individual de cada trançadeira. Mas, para isso, precisamos apresentar uma ideia muito diferente da que muitas vezes se tem da matemática "como universal e a-histórica, cujas práticas obedeceriam apenas a

regras “naturais” às quais nos caberia apenas nos submeter, já que “os números não mentem jamais”. (FONSECA, 2017).

Assim, neste trabalho de conclusão de curso vamos analisar os conhecimentos na vida social das mulheres trançadeiras da comunidade Lapinha; em especial, vão aparecer nas descrições as formas que elas utilizam para quantificar, medir, ordenar, classificar, se orientar no espaço e produzir, utilizar e apreciar as formas. Mas essas formas nem sempre coincidem com o modo proposto pela matemática que normalmente se ensina na escola, porque as intenções e os valores que as mobilizam podem ser muito diferentes e até contraditórios.

Esses conhecimentos ancestrais, herdados das gerações que passaram e atualizados nas ações presentes de colher a palha, destalar, cozinhar, pôr no sol pra secar, rachar, trançar, costurar, enformar, enxofrar, dar acabamento, e disponibilizar para exposição e venda, integram uma disposição de autonomia destas mulheres nas questões impostas pela sociedade capitalista e seu compromisso com a preservação da cultura.

Esses conhecimentos também compõem as práticas de numeramento envolvidas nessas ações, que, por isso, tensionam a matemática escolar: seus valores, seu vocabulário, seus procedimentos, e seu modo de pensar que é tudo “coisa com coisa”.

4. O PROCESSO DE CONFECÇÃO DO CHAPÉU DE PALHA DE COQUEIRO INDAIÁ NA COMUNIDADE LAPINHA NO MUNICÍPIO DE MORRO DO PILAR (MG)

4.1 A colheita da palha

4.1.1 Sobre o Coqueiro Indaiá, para começo de conversa

Para descrever o processo de confecção do chapéu preciso iniciar pela sua matéria prima: o Coqueiro Indaiá. Essa palmeira é abundante na região de Morro do Pilar, é uma palmeira solitária de porte baixo com cinco a vinte metros de altura, tronco de vinte a trinta centímetros de diâmetro e ciclo de crescimento lento.

Seu nome científico é *Attalea dubia (Arecaceae*); também é conhecido como coco-de-indaiá ou coco indaiá. É natural nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do Brasil, sendo endêmica da Mata Atlântica brasileira.

As folhas medem 5 a 8 metros de comprimento, emergindo do caule em ângulos de 45 graus, o que lhe dá uma aparência imponente. Essas folhas são usadas para cobertura de palhoças, casas de farinha, casa de engenho e já foram muito utilizadas no passado para se cobrirem os telhados das casas residenciais na comunidade Lapinha.

O palmito é grande, aproximadamente um metro e meio de comprimento, mas seu uso está proibido devido ao abuso no corte dessas palmeiras. A madeira é moderadamente pesada, e é utilizada localmente na construção de casas e móveis rústicos.

Um mesmo coqueiro produz flores masculinas e femininas em um mesmo cacho, que costuma medir de 1 a 1,5 m de comprimento. O fruto, que chega a ter entre 6 a 8,5 cm de comprimento, tem casca amarelada e um "bico" em uma das extremidades, com polpa adocicada, e com 1 ou 2 sementes. As sementes são comestíveis, e têm tamanho médio de 2,5 cm de comprimento. Das sementes é feito um ótimo óleo de coco, utilizado na culinária desde os tempos antigos. Esse óleo é também utilizado para a pele e cabelos (DIAS, 2011, p.4).

O Coqueiro Indaiá está presente em todo o território de Morro do Pilar, e é muito utilizado no dia a dia, fornecendo material para diversos fins, além do chapéu.

4.1.2 Colheita da palha do Coqueiro: "*Onde está o facão*?"

Para realizar o trabalho de campo, marquei com minha vizinha Leide[2] para irmos juntas registrar como se dá a colheita da palha do coqueiro Indaiá para fazer o chapéu. Eu nunca havia acompanhado alguém nessa tarefa. Na saída, perguntei para ela, usando gestos de cortar, pois ela não ouve: "Onde está o facão?" Então, ela gesticulou o sinal de puxar com as mãos. Fiquei surpresa, pois pensei que precisasse de facão.

Fomos na estrada, de carro, por cerca de 5 quilômetros. Paramos na entrada de um caminho aberto, uma trilha. Há algumas trilhas no caminho entre a comunidade e a cidade de Morro do Pilar. A trilha que eu conheço, por ter ido várias vezes a pé, tem 9 quilômetros e leva mais de duas horas de caminhada para se chegar da comunidade ao alto da cidade de Morro do Pilar, lugar denominado Alto do Canga.

Entramos na trilha. Havia muitas palmeiras de Indaiá no local. Para se colher a palha, as palmeiras precisam estar jovens, bem baixas. Escolhe-se a folha mais nova no centro da palmeira, que ainda está fechada. Essa folha é chamada de grelo. Esse grelo é puxado pela trançadeira e torcido. Quando ele se dobra abre as folhas que estão presas no talo. Essas folhas bem novas são puxadas e tiradas a mão pelas trançadeiras, para serem preparadas como matéria prima do chapéu de palha de Coqueiro Indaiá.

Figura 3 - Colheita da palha do coqueiro Indaiá na região da Comunidade Lapinha em Morro do Pilar.
Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

[2] A divulgação dos nomes dos/as colaboradores/as deste estudo foi autorizada por eles/as.

No acompanhamento da colheita, percebi o quanto desconhecia desse processo. Apesar de morar há 20 anos na comunidade, nunca havia presenciado a colheita da palha. Até imaginava que parte da folha mais nova, o grelo, poderia ser cortada com um facão. Porém, as trançadeiras não cortam a folha do coqueiro: elas tiram as hastes, que fazem parte da folha grande, que tem cerca de 6 a 8 metros de comprimento. Esse processo não danifica a folha da palmeira. Elas retiram as hastes de uma parte da folha grande do coqueiro e isso não a prejudica em nada.

A extração desse material para a confecção de chapéu se justifica pela ancestralidade desse processo, que dá identidade às trançadeiras, e pela utilidade e beleza da peça artesanal que é produzida. A confecção do chapéu é uma atividade que faz com que as trançadeiras estejam sempre conectadas à natureza e intimamente relacionadas com o tipo de vegetação local. Não é comum em outros municípios vizinhos a Morro do Pilar a quantidade de Coqueiros Indaiá que temos aqui. Essa característica e a necessidade de interagir e transformar a natureza ao redor propiciaram a descoberta e a pesquisa desse material, há muito tempo atrás, pelas mulheres da região. Não se sabe exatamente como e qual bisavó teria começado a confecção do chapéu de palha de coqueiro de Indaiá na região. O que se percebe é que essa prática caracteriza uma cultura específica desse território. Esse trabalho tradicional e ancestral atravessou gerações e até hoje é passado de mãe pra filha.

Voltamos da mata com a sensação do dever cumprido. Leide, entretanto, já foi para sua casa para preparar a palha, mas eu não pude acompanhá-la nesse dia.

4.2 Preparação da palha do coqueiro indaiá para trançar

4.2.1 "*Destalar, cozinhar, lavar, por lá no sol*"

A próxima etapa da pesquisa foi acompanhar os primeiros passos após a colheita da palha. Para essa parte convidei duas amigas, moradoras da Comunidade Lapinha, também pessoas muito especiais pra mim. Ambas têm o mesmo nome, Lurdes. Então decidimos chamar uma pelo diminutivo, Lurdinha, pois sua estatura é menor. Elas chegaram de manhã bem cedo em minha casa, já preocupadas com os afazeres que deixaram para trás.

Por isso não perdemos tempo. Há em meu quintal um jovem Coqueiro de Indaiá, perfeito para ter sua palha colhida. Fomos logo para o quintal e tratei de registrar rapidamente, pois, elas são muito ligeiras na colheita.

Figura 4 - Colheita da palha do coqueiro Indaiá, no Sítio Tribo da Terra, Comunidade Lapinha em Morro do Pilar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Figura 5 - Etapa de destalar cada palha de coqueiro Indaiá na Comunidade Lapinha em Morro do Pilar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho.

Com a palha colhida fomos para a cozinha e pude registrar o momento de tirar um talo mais duro que liga as duas partes da folha. Esse processo se chama ‘destalar’ a palha: é preciso abrir as folhas e, utilizando a unha do polegar, tirar um talo que acompanha cada haste da folha do coqueiro. Após as folhas do grelo serem destaladas, haste por haste, elas usam o próprio talinho da folha para amarrar os ‘móizim’ de palha, que como elas mesmas chamam os pequenos feixes ou molhos de palha. Amarradas as porções de palha, coloca-se para cozinhar na água fervendo por uns 20 minutos.

Figura 6- Imagem das palhas amarradas para serem cozidas em água fervendo, os ‘móizim’. Fonte: Fotproduzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Depois de fervidos, esses ‘moizim’ de palha são abertos na água corrente para lavar. Depois de bem lavados, eles são colocados ao sol para secar. Dois dias de sol quente são suficientes para secar e quarar as palhas. A trançadeira Lurdes Amincio, 72 anos, nascida na Lapinha, ao descrever o processo de preparação da palha para trançar, insiste em destacar o cuidado que se deve ter para preservar o coqueiro:

> Lurdinha: “Para tirar a palha cê vai no mato, chega lá, tem o grelo novo e tem o outro que em vem. Aí, cê tira a palha do grelo, mas não estraga o coqueiro não. Quando depois você volta, tem. Depois cê chega em casa, vai destalar, cozinhar, lavar, por lá no sol. E ela ganha sol dois dias que é pra quarar. Depois cê coloca no sereno, aí no outro dia, cê vai rachar. Depois dela rachada, cê vai colocar no sol para secar, ficar sequinha para não enverdecer. Depois cê enrola num pano e coloca num saco plástico, aí cê pode ficar com a palha muito tempo.” *(Entrevista Lurdinha, data 10/05/19).*

Figura 7 - Imagem da lavação de cada palha em água corrente, após serem cozidas. Fonte: Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Figura 8- Imagem da etapa de secagem das palhas ao sol por dois dias. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

As trançadeiras para realizarem essa prática ancestral de confecção do chapéu ficam conectadas à natureza, às estações do ano, ao tempo da seca e da chuva. O chapéu é confeccionado durante todo o ano, mas é preciso saber o tempo ideal para cada etapa de preparo do chapéu. Cada parte do ano é mais propícia para uma tarefa. Durante a seca não é muito bom para se costurar chapéu, as palhas ficam secas e podem arrebentar na hora da costura. Também não é um tempo muito bom pra se trançar pelo mesmo motivo, as palhas ficam muito secas. Então elas dão um jeito de umedecer as palhas com água para continuarem trançando, pois precisam da renda o ano todo. Também precisam saber qual é a fase lua para a colheita da palha, por exemplo. Sobre esse aspecto, conversei com Lurdes e perguntei porque quando a convidei para a colheita ela disse que tinha que ser naquela semana, por causa da lua. Então indaguei qual era a melhor fase da lua para a colheita da palha.

> Lurdinha: É na minguante! Na crescente... coitada minha filha! Se tirar na crescente, ela quebra toda. Cê vai rachar ela tá quebrando, quando cê vai trançar, pensa que não, o trem tá todo partido. É uma tristeza, é só na minguante mesmo. Não é fácil não. Essa foi tirada na minguante... (disse apontando para a palha colhida em minha casa). *(Entrevista Lurdinha, data 10/05/19).*

Terminada essa etapa e para não atrapalhar mais minhas companheiras finalizamos os registros do dia. As mulheres da Comunidade Lapinha possuem muitas tarefas, desempenham grande variedade de trabalho, portanto, minhas amigas estavam apressadas para voltar aos seus afazeres. Estavam felizes em poder colaborar com meu trabalho, mas sem grandes delongas, pois os deveres do dia as esperavam. Então marcamos de encontrar em dois dias, quando eu levasse a palha para sua casa para registrar a etapa de rachar

essas palhas, em tirinhas muito finas. Só então a palha iria estar pronta e a trança poderia ser iniciada.

Até aqui, já vimos um bom trabalho realizado. Pois bem, para se chegar ao chapéu temos ainda um longo caminho.

4.2.2 Palha pronta, agora é rachar em tirinhas fininhas

Depois de secas, essas palhas são deixadas no sereno para que absorvam a umidade da noite. Na manhã seguinte, enquanto estão ainda úmidas, as palhas são rachadas.

Para esse procedimento, usa-se uma ferramenta chamada de “ferro”.

Figura 9 - Imagem da ferramenta de rachar a palha, chamada de ferro. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Os “ferros” são ferramentas antigas, geralmente herdados da família, pois era uma ferramenta *encomendada* a ferreiros. O ferro tem vários dentinhos afiados para rachar, em tirinhas finas, cada palha de coqueiro: umas mais finas e macias para chapéus mais macios e delicados, outras mais grossas e duras, para chapéus de trabalho, do dia a dia.

As trançadeiras pegam palha por palha, apoiam o ferro numa madeira em cima da ponta da palha da extremidade que fica ligada no caule, seguram essa ponta com a outra mão e vão puxando essa palha, para rachá-la em várias tirinhas de cerca de 3 milímetros de largura cada uma.

Figura 10 - Imagem da palha sendo rachada com o ferro. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Dessa forma, a matéria prima para iniciar a trança do chapéu está pronta e pode ser trançada de braça em braça.

Figura 11 - Imagem das palhas rachadas, amarradas, prontas para trançar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

4.3 Trançar

4.3.1 Hora de trançar a palha: *"Não precisa pensar que é coisa com coisa, porque, não é coisa com coisa não!"*

Então, com as palhas transformadas em tirinhas finas inicia-se a trança. São treze palhas (cada "palha" é, na verdade, duas tiras sobrepostas), que serão trançadas, sobrepostas para dar mais firmeza à trança. As treze palhas são trançadas, duas por baixo duas por cima. Tendo o meio como referência, ficam 6 palhas para um lado e sete para outro, conforme mostra a figura seguir:

Figura 12 - Imagem da posição das mãos segurando as palhas para trançar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Figura 12 - Imagem da trança com treze pontas (treze palhas = 26 tirinhas), trançadas duas palhas por baixo duas por cima. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Lurdinha também conta que sua mãe e irmã começar ama lhe ensinar a trançar quando ela era ainda menina: "*Com 7 anos ela já tava ensinando trança pra gente, ensinando porque a gente não aprendia depressa, demorava a aprender.*"

Ao perguntar como ela faz para trançar, ela disse:

> **Lurdinha**: "Explicar como faz a trança? Aí minha filha, aí é coisa! Porque, não é fácil não. Não precisa pensar que é coisa com coisa, porque, não é coisa com coisa não! Foi minha mãe que me ensinou." *(Entrevista de Lurdinha, data 10/05/19).*

É um trabalho considerado muito difícil para quem não tem habilidades manuais e nunca trançou um chapéu de palha, mas as mulheres da comunidade Lapinha e algumas

mulheres de outras comunidades de Morro do Pilar dominam as técnicas tranquilamente, depois de anos de prática. Elas trançam sem olhar para o trabalho ou fazendo outras atividades como, por exemplo, caminhar, carregar algum peso na cabeça e ainda trançar a palha simultaneamente. Mesmo diante do desafio e das dificuldades de viver no campo, as mulheres mantêm a cultura viva e buscam transmiti-la à juventude. Uma cultura rica e de resistência.

As imagens a seguir, mostram a colaboradora da pesquisa Leide trançando a palha:

Figuras 13 - Jovem trançadeira, Leide, moradora da Comunidade Lapinha, Morro do Pilar - MG. Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Outro detalhe é a emenda da trança. Quando uma palha está mais pro final, ocorre que as tirinhas podem não terminar juntas. Então, as trançadeiras acrescentam mais uma no lugar da que se finda. Tem a posição certa de se colocar a tirinha, precisa ser o “pezinho”, antes da outra terminar, havendo assim um transpasse nessa emenda. Ao final da trança depois de medir o comprimento é necessário retirar os pedacinhos de palha que sobraram nas emendas da trança. Esse processo se chama “pelar a trança” ou “limpar”. A habilidade é impressionante: as trançadeiras trançam muito rápido. Mas, mesmo com toda a rapidez, levam-se vários dias para se trançar o suficiente para um chapéu: são mais de 6 braças.

4.3.2 Medidas em braças: como assim?

O comprimento da trança é medido em “braça”. A “braça” usada pelas artesãs funciona como um sistema de medida de comprimento totalmente independente do sistema

internacional de medida, o sistema métrico decimal (também conhecido como MKS)[3]. Também não se refere à braça, unidade de medida usada no sistema inglês para indicar a profundidade da água e que corresponde a 7 pés ou 1,8288 m. E nem é a braça que aparece como medida de comprimento em documentos do tempo do Brasil Império, que corresponde a aproximadamente 2,200m[4] (ver CAVALCANTI, s.d.) O sistema usado pelas trançadeiras tem como instrumento os braços abertos de uma pessoa. No caso da trança é necessário segurá-la na ponta dos dedos. Dependendo do tamanho do chapéu são necessárias 6, ou mais braças. Assim, cada trançadeira vai descobrindo quantas braças (na medida de seu corpo) necessitam para costurar um determinado tipo e tamanho de chapéu. Dependendo da estatura da trançadeira, sua braça pode ser maior ou menor, isso também interfere contagem das braças para a produção final.

Na imagem a seguir, Leide, moradora da comunidade Lapinha do Morro do Pilar, faz uma demonstração de como medir uma trança utilizando a braça. Segurando a trança na ponta dos dedos, ela abre os braços bem abertos e assim se tem uma braça; caso necessite medir meia braça, uma mão segura uma ponta da trança no meio do peito (em baixo do queixo) e o outro braço é esticado e se conta meia braça do meio do peito até a ponta dos dedos da outra mão.

Figura 14– Imagem da demonstração da medida “braça”, utilizada para medir a trança. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Depois da trança pronta, muitas braças trançadas, há o processo de pelar a trança. É quando todas as pontas são aparadas com a ponta dos dedos polegar e indicador. Depois

[3] MKS é um modo de se referir ao sistema internacional de medidas, remetendo às três unidades fundamentais desse sistema: o metro, o quilograma e o segundo.

as tranças são enroladas para aguardar a costura. Normalmente se junta algumas tranças para depois se dar início à costura de vários chapéus.

Figura 15– Para pelar a trança as trançadeiras seguram a ponta da palha a ser aparada com a unha do polegar esquerdo e puxam com a mão direita. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho.

Antes de costurar é necessário passar a trança num instrumento chamado escassador. Como explica Lurdes: "*Depois que a trança tá pronta, cê passa ela no escassador, um engenhozinho de madeira, depois você começa a costurar o chapéu...Eu tranço, minha trança é mais grossa um pouquinho, eu tranço seis braças e meia para um chapéu*".

Figura 16– Imagem do escassador, instrumento utilizado para passar, ou seja, achatar a trança e prepará-la para ser costurada. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

O escassador é um instrumento de madeira que possui dois cilindros com um tipo de manivelados dois lados, presos em um quadro e fixado num banco de madeira; parece com um engenho de moer cana em miniatura. Ele é utilizado para apertar a trança, fazendo com que ela fique bem achatada e lisa. Esse processo se chama passar a trança. Toda trança, antes de ser costurada, precisa ser passada no 'escassador', para que o chapéu fique perfeito. Algumas trançadeiras que não possuem essa ferramenta levam as tranças

para serem ‘passadas’ na casa de suas companheiras. Esse instrumento é feito por encomenda pelas trançadeiras aos habilidosos marceneiros.

4.4 A costura

4.4.1 A dança das mãos e o saber ancestral: *“Pra costurar, cê começa aqui aonde vira a trancinha, o pezinho.”*

No dia de registrar como se faz a costura do chapéu, combinei com minha vizinha Lurdinha novamente. Cheguei de manhã cedo e encontrei seu irmão em sua casa, o que foi muito bom, pois pude registrar um importante relato dele sobre o chapéu. Enquanto fazia os registros e conversava com a entrevistada, seu Antônio relatou:

> Sr. Antônio: Aqui, de primeiro, todo mundo sabia trançar. Eu sei trançar, os home tudo aprendeu. A mãe era má, mandava a gente trançar, a mãe era braba... Ah se não fizesse! Ela puxava a orelha. Se tretasse com ela, o coro comia. Enquanto tava pequeno, tinha que trançar. Depois eu fui ajudar o pai na roça. *(Entrevista Sr. Antônio, data 20/09/19).*

Fiquei surpresa com esse relato. Não sabia que os meninos trançavam; não sabia que começavam tão cedo a ajudar na labuta. Eram tempos difíceis: as pessoas sobreviviam do que produziam e nem sempre o roçado era suficiente para as necessidades da família. Lurdinha complementa: "*Nosso dinheiro era do chapéu, não tinha outro jeito. Vendia pra comprar trem de comer... Vendia baratinho, mas tinha valor! "Ela continua: "Nós tinha que trançar. Eles [a mãe e irmã] colocava medo na gente. Tinha que trançar uma braça por noite".*

Figura 17 - Imagem da costura das primeiras curvas do chapéu. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Figura 18 - Imagem do início da trança, chamado de pezinho, Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Voltando à costura Lurdes explica:

> Lurdinha: Pra costurar, cê começa aqui aonde vira a trancinha, o pezinho (foto). Aí cê tem que apanhar assim... duas paia, mais duas paia, senão ele incombuca, se for pegá uma só... Agora, cê tem de apanhar paia direto, para ele não incombucá. Aí cê vai fazendo a curva, até... E é só na cabeça que ocê tem que panhar. Aqui assim não pode não [mostra o lado mais reto]. Só na cabeça aqui ó, até virar aqui [mostra a parte da frente e a parte de trás do chapéu]. Agora, na hora que virar [para descer a copa do chapéu], cê não pode panhar mais... Tem hora que a gente panha, porque conforme a trança, se tiver uma mais grossa, mais larga que a outra, cê tem que panhar, senão dá defeito no chapéu. *(Entrevista de Lurdes, data 10/05/19).*

Nessa fala percebemos que a costura do chapéu é ainda mais complexa que o trançado: são muitos detalhes e habilidades que a trançadeira precisa dominar. Por isso muitas mulheres fazem parceria com outras, deixando a costura para quem tem mais facilidade com esse trabalho. Podemos encontrar mulheres que colhem a palha, preparam-na e fornecem para que as outras façam a trança. Depois essas tranças são devolvidas para serem costuradas, e depois de vendido o chapéu a renda é dividida entre elas.

Figura 19 - Primeiros passos da costura do chapéu. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Logo após os primeiros pontos da costura há um processo que se faz com um vidro especial. É um vidro de xarope de100ml que é lixado na pedra, para tirar o relevo do fundo; assim ele se torna uma ferramenta para fazer o acabamento do chapéu. Esse

processo de passar o vidro, achata a parte costurada que é o início da copa do chapéu, deixando-a bem plana. Esse vidro é utilizado também para o acabamento final do chapéu.

Figura 20–Imagens do início da costura, a copa do chapéu é iniciada. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Lurdinha continua e dá mais detalhes da parte que parece ser a mais difícil, que é arredondar o fundo da copa do chapéu:

> **Lurdinha**: E na hora que você for fazer essa volta da cabeceira, aí cê vem panhando paia, de novo até virá... Aí quando ele tiver com o fundo todo pronto, cê vai moiá ele. Pôr na forma pra virar, aí cê vai virar ele e cê vai fazendo com ele assim... [ela estica um lado e abre a parte que faz a curva]. E depois cê vira a fôrma por cima dele e deixa lá um bucadinho, pra ficar chatinho. Aí o fundinho fica certinho. *(Entrevista de Lurdinha, data 10/05/19).*

Figura 21 - Fundo da copa do chapéu, no ponto de descer a copa. Ao lado o rolo de trança amarrada. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

4.4.2 O pequeno detalhe da linha e da luz para costurar

O detalhe da linha para costurar o chapéu também tem seu segredo. A linha é de algodão, mais grossa que linha de costura. Algumas compram linha de tecer crochê: pode ser qualquer tipo, mas ela tem que ser encerada com cera de abelha, para que fique mais resistente. Então cada pedaço de linha passa várias vezes na pedra de cera de abelha e dessa forma ela fica revestida com a cera. Depois, durante a costura, a linha é passada por entre os pontos da beirada da trança de um em um. A linha fica invisível, mas se forma um pequeno relevo na textura do chapéu por onde passa essa linha da costura.

Figura 22 - Linha de algodão encerada com um pedaço de cera de abelha. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Na época em que vim morar na comunidade, no ano 2000, havia instalação de energia elétrica somente na escola e na capela da comunidade. Apesar da instalação principal da rede elétrica, não havia luz nas casas. No início de 2007, com o Programa Luz para Todos[5], foi que as casas receberam rede elétrica a partir do financiamento vindo do Governo Federal.

Antes, nos tempos antigos, para iluminar a noite, usavam-se lamparina com querosene ou lampião a gás. Mais antigamente ainda, com a pouca disponibilidade de recursos para a compra do querosene, as pessoas utilizavam, para iluminar as casas à noite, lascas de Candeia Cheirosa, uma madeira muito inflamável e abundante na região. Essa madeira era lascada em gravetos finos, que eram acessos numa das pontas e produziam uma chama como de uma vela ou lamparina.

5 Programa Luz para Todos foi criado em 2003, no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, com objetivo de levar energia elétrica às regiões rurais e/ou às casas que ainda não a tinham. A iniciativa foi coordenada pelo Ministério de Minas e Energia. Cf. MERELES, 2017.

Muitas trançadeiras me contaram que tinham que cozer chapéu e trançar à noite, devido à necessidade de se produzir chapéu para vender. Por isso, sigo conversando com minhas colaboradoras e pergunto: Qual era a iluminação que se usava para trançar à noite?

> **Lurdinha:** Candeia, minha filha! Rachava a candeia e colocava no buraco da parede, cozia chapéu, trançava. Até depois de nós velha, nós fazia isso. No outro dia, o chão tava dessa altura de cinza, de ficar tiçano candeia... E a vida era boa, né, Lurde? Hoje, nós tem coisa, mas a vida, cê sabe, quantas coisa... *(Entrevista de Lurdinha, data 10/05/19).*

Lurdinha fica pensativa. De um modo geral ela se refere ao fato de a vida ter se tornado mais violenta, das pessoas estarem mais afastadas umas das outras e também da distância das pessoas que foram embora. Elas me disseram que havia muita gente que morava nessa redondeza. A vida era dura, mas muito divertida.

> **Lurdinha**: Hoje nóis alembra do que nóis já passemo e tem saudade... Não passemo fácil, não! Mas era bão. Nós tinha prazer! Nossa Lapinha era boa demais... Nós cantava à noite. Passava a mão na trança, com a lua clara e sentava no banco, mais as companheira e cantava... Ia apanhar café e cantava, igual cigarra... Lá na casa da Tia Dorvina, tinha um barranquinho assim, nós juntava aquelas menina da Rua do Brejo, a lua tava clara, nós sentava naquele altinho lá! Oooo diacho, tanto trançava quanto cantava! *(Entrevista de Lurdinha, data 10/05/19).*

Um saudosismo inundou o ambiente e coloquei-me a imaginar...

4.4.3 A costura continua: "*Cê não pode panhá direto, porque senão vira babado puro! Se ocê não panha paia, incombuca assim ó!*"

Agora a explicação é sobre o processo de colocar o chapéu numa fôrma de madeira, que também é um instrumento importante para moldar o chapéu. Durante o processo de costurar o fundo e iniciar a copa, a fôrma de madeira é muito importante e segue sendo até a etapa final da confecção do chapéu. Nesse ponto, inicia-se a abertura da costura para fazer a aba, chamada de beirada, pelas trançadeiras.

> Lurdinha: Aí pra abrir a beirada [aba do chapéu], panha paia de novo. Cê vai pôr na forma, acertar ele bem acertado aqui. Agora cê pode cozê três paias e panhá paia, cozê três paia e panhá paia... A hora que cê chega no rumo que ocê principiou a beirada é que o cê vai descer. Eles tão achando que é coisa fácil, eles vão ver!!!! *(Entrevista de Lurdinha, data 10/05/19).*

Lurdinha brinca comigo e eu digo que não tenho a intensão de fazer um chapéu. Também sou artesã e sei muito bem da dificuldade desse processo todo. Lurdes complementa:

> Lurdes: Agora, a beirada toda, cê tem que ir panhando paia... Não é muita, não. Conforme a trança, cê não pode panhá direto, porque senão vira babado puro! Se ocê não panha paia, incombuca assim ó! [dobra o chapéu para dentro]. Não é fácil não!!! *(Entrevista de Lurdes, data 10/05/19).*

No detalhe da trança para o acabamento final da beirada do chapéu, a trança é diminuída na largura para o arremate. De duas a duas elas vão estreitando a trança até ficarem apenas três palhas. As imagens mostram o processo de acabamento

Figura 23 - A trança é diminuída na largura para o acabamento final da aba do chapéu. Fonte: Arquivo a pesquisadora

Na imagem abaixo, temos alguns instrumentos utilizados pelas trançadeiras: a fôrma de madeira, dois ferros de rachar a palha, uma trança, as palhas rachadas amarradas e um chapéu pronto. Foto registrada na casa de Leide.

Figura 24 - Na imagem temos alguns instrumentos para a confecção do chapéu: a fôrma de madeira, dois ferros, uma trança, as palhas amarradas e um chapéu pronto. Registrada na casa de Leide. Fonte: Arquivo a pesquisadora.

4.5 Enxofrar

Um dia de sol para enxofrar

O processo final de toda a confecção do chapéu é chamado de enxofrar. Esse processo significa criar um espaço para queimar um pó de enxofre sobre brasas de sabugo de milho, fazendo com que a fumaça passe pelos chapéus. Nesse dia é necessário que o sol esteja quente.

Marquei com Leide de comparecer em sua casa bem cedo para registrar o processo de acabamento de uma grande produção: 13 chapéus. Era uma encomenda para mim que iria viajar e poderia levar chapéus para vender.

Então, como combinado, cheguei cedo. Ela já estava me esperando para a tarefa. Iniciei os registros. Para meu espanto, ela pegou os chapéus e uma bacia grande e se dirigiu para a bica d'água no seu quintal. Novamente fiquei surpresa e impressionada com o processo, pois já é sabido que o chapéu não é muito resistente a água. As trançadeiras sempre aconselham não deixar que ele se molhe, pois ele pode escurecer ou mudar de cor. Então demonstrei meu espanto para minha amiga. Ela riu bastante de minha ignorância e começou a molhar os chapéus por fora e por dentro na água corrente da bica.

Figura 25 - Molhar o chapéu para enxofrar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Depois disso Leide pegou as fôrmas de madeira para moldar o chapéu. As fôrmas que são tocos de madeira lavrada, eram duas: uma um pouco menor que a outra. Depois de molhados, cada chapéu passa pela fôrma e recebe um tratamento com as mãos e com um vidro de xarope de 100 ml. Esse vidro, conforme comentei, é também um instrumento de trabalho; ele é lixado no fundo para perder as nervuras que possui embaixo, ficando bem liso. Ele passa a ser uma ferramenta e é utilizado para alisar o chapéu desde as primeiras costuras na copa.

Figura 26 - Trançadeira moldando os chapéus depois de molhados, para enxofrar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Nesse momento as mãos da trançadeira realizam uma verdadeira dança, dando forma ao chapéu, sobre a fôrma de madeira.

Figura 27 - No acabamento final os chapéus recebem um carinho especial das mãos, da fôrma de madeira, do vidro e da sabedoria ancestral. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Seguindo o acabamento, a trançadeira monta uma espécie de fornalha: ela coloca, em um recipiente de metal, algumas brasas de sabugo de milho, que ela preparou no fogão a lenha de sua cozinha. Então prepara um caixote de madeira e coloca esse recipiente com as brasas dentro do caixote.

Figura 28 - Caixote preparado com uma vasilha com brasas para enxofrar chapéu. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Sobre o caixote, a artesã coloca quatro chapéus. Depois despeja uma colher de pó de enxofre sobre as brasas.

Figura 29 - Colocando chapéus para enxofrar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Figura 30 - Enxofre em pó para ser queimado nas brasas dentro do caixote. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Figura 31 - Trançadeira cobrindo os chapéus para que recebam a fumaça de enxofre. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Então, ela cobre tudo com um lençol e depois outro lençol e tampa completamente os chapéus e o caixote. Lá dentro, o pó amarelo de enxofre queima sobre as brasas e exala uma fumaça mal cheirosa. A trançadeira dá risada e mostra para mim que fica sem respirar quando lida de perto com o enxofre. Nesse momento, vemos uma fumacinha saindo pelas entranhas do pano. Todo esse processo de enxofrar o chapéu, segundo as trançadeiras, serve para branqueá-lo e proteger do mofo.

Figura 32- Aguardando o enxofre queimar. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Depois de um tempo, quando o enxofre já foi todo queimado, os panos são retirados e se percebe que os chapéus estão visivelmente mais claros.

Novamente o chapéu passa novamente pela fôrma e ganha sol por um dia inteiro.

Figura 33 - Enfim o acabamento final ao chapéu se realiza. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Satisfação visível da trançadeira ao finalizar uma grande produção uma dúzia de chapéus.

Figura 34 - Satisfação visível da trançadeira ao finalizar uma grande produção uma dúzia de chapéus. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

4.6 Venda e tradição

A prosa continua

Além de ouvir das colaboradoras da pesquisa sua descrição do processo de confecção do chapéu, resolvi fazer umas perguntas que achei importantes, principalmente para compreender um pouco mais sobre como essa prática sobrevive ao tempo. Por isso, ao final da descrição do processo de confecção dos chapéus, retomo aqui trechos da conversa

que tive com Lurdes, Lurdinha e Conceição, ainda antes de acompanha-las em seu trabalho de trançadeiras, no início de meu trabalho de campo.

Naquele encontro, comecei a puxar a prosa, indagando as colaboradoras sobre a razão de manterem essa prática de fazer chapéu de palha de coqueiro indaiá na Comunidade de Morro do Pilar.

> Pesquisadora: *Por que vocês ainda fazem chapéu?*
> Lurdinha: *Por que gosto...*
> Lurdes: *Por que... como é que fala? Que eles falam...? Não pode parar...*
> Pesquisadora: *Pra manter a cultura?*
> Lurdes: *É, isso! Pra manter a cultura.*
> Conceição (que é bem mais tímida e só quis me falar umas poucas palavras, explica suas razões): *Cê vai ficar sentada aí? Depois que ocê caba de arrumar suas coisa, cê vai sentá ai e vai ficar de braço cruzado? E também, é outra: é terapia, né? Já pensou a gente que tá ficando velho... Igual a Mariza, minha sobrinha, falou: 'Ah, tia Ceição! Eu dou à tia Geralda a palha* [para trançar] *não é porque ela necessita de fazer o chapéu, não* [pois ela é aposentada], *mas para ela não fica à toa.*
> Conversa em 10/05/2019

Naquela época, como eu ainda estava muito envolvida com uma ideia de "encontrar matemática" nos procedimentos de confecção do chapéu, achei importante perguntar a opinião delas sobre isso, mas a prosa não foi muito adiante nesse tema e retornou à questão da manutenção daquela tradição.

> Pesquisadora: *Alguém já falou que vocês fazem matemática?*
> Lurdinha: *Fala... fala...* [parece não dar muita importância à minha pergunta, que mudou o assunto da conversa, e retorna para o tema anterior] *mas, nós tamo é querendo deixar de trançar...*
> Pesquisadora: *Ah, não acredito!!!*
> Lurdinha: *A gente costumou com esse trem, boba. É um divertimento. Vou fazer uma trança aí... pra um moço. Ele é antipático, o chapéu dele é de seis volta a copa e 5cinco a beirada....*
> Pesquisadora: *Você fica orgulhosa de fazer um trabalho assim?*
> Lurdinha: *Ah, sei lá ... Nada! Para mim é simples. Oh Liza! A gente brinca e tudo, mas cê sabe duma coisa? Esse trem... ocê vende o chapéu, mas isso não dá lucro pra gente não, boba! O trem dá trabalho demais... dá trabalho demais...*
> Conversa em 10/05/2019

Quando o assunto rumou para a transmissão desse saber para a juventude, elas admitiram que temiam pela continuidade dessa tradição:

> Lurdes: *Elas* [refere-se às moças mais jovens da comunidade] *nem sabem trançar!*

> Lurdinha: *Agora, nem as mais nova, nem as mais velhas tá trançando mais não. E eu, já gostei desse trem! Esse povo tudo largô e eu falo assim: 'eu fico boba porque ocês largô'. E eu não parei não, eu acho bom, menina! Eu acho tão gostoso! Ocupa o tempo! De noite, assim, boba, eu passo a mão na minha trança e vou trançar... Agora, não, esses dias não* [estava dando uns dias chuvosos]. *Eu falei: 'vou esperar o tempo firmar', porque você tira a palha, joga a palha lá* [pra secar no sol], *aí cê tira a palha* [por causa da chuva], *cê põem a palha* [no sol], *ela não fica nem boa, nem ruim, né! Agora, a hora que der uma arajinha* [abrir o sol], *eu vou caçar uma palha.*
> Conversa em 10/05/2019

Tranças grossas ou finas, chapéu de aba larga ou de aba curta, copa alta ou baixa: são expressões que fazem parte da vida das mulheres da Comunidade Lapinha do Morro do Pilar. Fazem parte do feitio do chapéu de palha que é uma marca na cultura desta comunidade.

Hoje, uma das dificuldades enfrentadas pelas trançadeiras é a venda dos chapéus. Há poucos compradores na comunidade e, por isso, elas estão ficando sem incentivo para trançar. Lurdes fala sobre essa dificuldade:

> Lurdinha: *Ah minha filha! Naquele tempo tinha muito comprador de chapéu. Era barato, né, mas era um barato que, igual nós fala, era um barato que era caro e valia mais que hoje. Porque os trem também era mais em conta, né? Cê vendia baratinho. Tinha muita gente que comprava chapéu e saía vendendo por esse sertão a fora.*
> Conversa em 10/05/2019

A falta de compradores para o chapéu dificulta a continuidade da sua produção. Para manter a tradição, a nova geração precisaria de apoio e incentivo.

A produção do chapéu de palha faz parte da cultura das mulheres da Comunidade da Lapinha de Morro do Pilar. Para algumas trançar é um prazer e uma forma de aumentar a renda familiar. A capacidade de trançar a palha do coqueiro Indaiá mostra como elas são capazes de realizar um trabalho ancestral de alto grau de dificuldade, transmitido de geração em geração. Esse trabalho é admirado e reconhecido em toda a região. Quem faz uso do chapéu está sempre à sua procura.

Figura 35 - Lurdinha trançadeira de chapéu da Comunidade Lapinha. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

Figura 36 - Chapéu de palha de Indaiá. Figura 37 – Trançadeira Leide. Fonte: Foto produzida pela pesquisadora durante o trabalho de campo.

5. PRÁTICAS DE NUMERAMENTO NA CONFECÇÃO (E NA DESCRIÇÃO DA CONFECÇÃO) DO CHAPÉU DE PALHA DE COQUEIRO INDAIÁ

5.1 "*Onde está o facão*?": Práticas de Numeramento e os conhecimentos sobre o coqueiro Indaiá e a colheita da palha

Iniciei a narrativa da produção do chapéu de palha pela descrição do coqueiro Indaiá. Ao analisar a descrição do coqueiro Indaiá, na qual eu falo de suas formas e medidas, buscando detalhar ao máximo a palmeira, verificamos que ela foi feita por uma professora de matemática em formação: a descrição é contaminada pelo seu modo de ver o mundo. As muitas referências matemáticas de que me utilizei mostram como eu opero com conhecimentos matemáticos como uma linguagem para descrever e me comunicar com aqueles que partilham dessa mesma linguagem.

Outros atores, inclusive as trançadeiras, provavelmente, descreveriam o coqueiro de outra maneira; os livros de ciências ou de geografia, porém, também se valem dessas referências "matemáticas".

Assim, fica evidente que as minhas práticas de numeramento são marcadas por minhas referências culturais. É muito provável que, antes de ser apresentada a esses estudos escolares, eu mesma não descreveria o coqueiro dessa mesma maneira.

Quando descrevo o coqueiro para uma comunidade escolarizada, eu não só conto que meus interlocutores vão compreender essas referências, mas também que vão valorizá-las por sua capacidade descritiva e por aquilo que elas revelam do coqueiro e de quem o descreve. Assim, podemos entender que as práticas de numeramento são sempre dotadas de intenções!

Essa reflexão sobre o caráter intencional cultural de qualquer prática de Numeramento, da vida cotidiana ou da escola, nos ajuda a reconhecer que como educadoras e educadores precisamos procurar entender nossa própria relação com o conhecimento... e também com o desconhecimento.

No primeiro dia do trabalho de campo, o dia de colher a palha do coqueiro na mata, percebi que ainda não havia compreendido as diversas explicações das trançadeiras sobre a colheita. Sempre pensei que haveria necessidade de uma ferramenta como uma faca ou facão. No entanto para não danificar o coqueiro, as trançadeiras realmente não cortam

nenhuma parte. Quando elas puxam e torcem a folha mais nova que ainda não se abriu, as hastes das folhas, os chamados folíolos, podem ser apanhados fazendo o movimento de puxar com as mãos. Assim apenas uma parte da folha grande fica sem hastes. Dá para ver, quando essa folha cresce, que falta cerca de um metro de folíolos na área da folha que forneceu o material para o chapéu. Então, realmente, se confirma o fato da sustentabilidade na confecção do chapéu. As trançadeiras sabem que ter esse cuidado com o coqueiro é essencial para a continuidade da tradição e da preservação da natureza.

Para incorporação das práticas cotidianas nas práticas escolares é preciso ter humildade de reconhecer as características e os limites do nosso conhecimento e ter disciplina e disposição para procurar conhecer melhor as práticas da comunidade.

Percebemos que é necessário estabelecer um diálogo, uma relação entre conhecimentos: os saberes acadêmicos e os saberes populares. Conhecimentos matemáticos e conhecimentos das práticas da comunidade precisam ser igualmente estudados na formação docente para que se promovam diálogos, evitando uma hierarquização dos saberes que discrimine o conhecimento popular.

5.2 "*É na minguante! Na crescente... coitada minha filha...*": convergências e divergências entre as Práticas de Numeramento da preparação da palha de coqueiro Indaiá para trançar e as Práticas de Numeramento escolares

Os povos do campo e em especial as trançadeiras possuem estreita relação com a natureza que é regida por ciclos: os ciclos da planta, o ciclo da lua, o ciclo da chuva e da seca. Esses ciclos estão claramente presentes e são respeitados na vida cotidiana do camponês. Há sempre o melhor tempo para realização das diferentes e variadas tarefas.

Na percepção e no respeito a esses ciclos, estão envolvidas a observação e a identificação de padrões. No caso da confecção do chapéu, as trançadeiras já observaram que as palhas ficam quebradiças se colhidas no ciclo da lua crescente. Dessa forma, elas comprovam na prática os ensinamentos passados de geração em geração.

A percepção, a observação e a identificação de padrões são valores da matemática e das ciências que, valorizadas por certos grupos sociais, tornaram-se objetos de estudo da escola que esses grupos criaram. Na cultura capitalista (que está por trás das ciências modernas), observam-se os padrões visando maior produtividade. Os valores a que aquelas trançadeiras se referem, porém, estão ligados ao respeito à natureza, ao

reconhecimento de sua generosidade, à tradição passada de geração a geração, e também ao conhecimento do comportamento do material com o qual se produzem os chapéus. O conhecimento adquirido dessa forma torna-se um conhecimento que flui naturalmente, pois o aprendizado veio com o tempo, na prática cotidiana junto às mulheres mais velhas, avós, mães, irmãs.

Depois de colher, destalar, lavar, secar ao sol e colocar as palhas no sereno, é hora de pegar palha por palha para rachar em tirinhas bem fininhas. Nessa hora, entra em cena o "ferro".

O "ferro", ferramenta indispensável para preparar a matéria prima para a produção dos chapéus, não é apenas um "bem de produção". Como uma ferramenta encomendada, que em geral, as trançadeiras herdaram de suas ancestrais (mães, tias, avós, madrinhas...), ele representa mais que um mero utensílio para rachar a palha, mas *materializa* a própria herança cultural de trançar os chapéus de palha. Ou seja, essa herança – que se constitui nas narrativas sobre a trançagem dos chapéus, no exemplo das mulheres que os trançam, no hábito de usá-los, na oportunidade de vendê-los e na valorização dessa prática na comunidade – está também marcada na posse dessa ferramenta, que não só viabiliza o processo, mas traz uma responsabilidade a quem a possui.

As senhoras, normalmente, costumam trançar palhas "finas" (mais estreitas), porque são mais macias para trançar. Por isso, precisam do ferro de "dentes finos" (com menor espaçamento entre os dentes). Mas trançar o chapéu com tiras fininhas dá muito mais trabalho, pois, na hora de costurar, vão mais tranças.

Para fazer o mesmo chapéu (ou seja, com uma superfície do mesmo tamanho) com tiras largas, como as tranças também serão mais largas, isso demandará menos trabalho, o que permite produzir chapéus "mais em conta".

Mas se há uma relação de proporcionalidade (no modo como a matemática escolar se refere a proporcionalidade) entre a largura da tira e a largura da trança, não esperem estabelecer essa mesma relação de proporcionalidade matemática exata entre as grandezas: tempo gasto para produzir o chapéu e preço do chapéu. Essas grandezas estão relacionadas, mas muitos outros fatores definem o modo como uma impacta na outra.

Dessa maneira, vamos vendo que é possível estabelecer relações entre as práticas de Numeramento envolvidas na trançagem da palha para a produção dos chapéus e as

práticas de Numeramento tipicamente escolares... Mas, essas relações nem sempre são de convergência. Há também questionamentos e tensionamentos, porque os valores e as intenções, muitas vezes são divergentes. Educadoras e educadores matemáticos, especialmente quem vai trabalhar na Educação do Campo, precisam estar atentos e sensíveis para reconhecer, problematizar e potencializar essas divergências como oportunidades de aprendizagem.

5.3 "*Não precisa pensar que é coisa com coisa, porque não é coisa com coisa não!*": estudos de Práticas de Numeramento e o processo de trançagem da palha

A etapa em que as mulheres trançam a palha foi uma das etapas mais difíceis de descrever e sua descrição talvez seja a menos explicativa do processo. Porque os nossos modos de descrever, marcados pela cultura cartesiana que permeia nosso modo de ver o mundo e falar sobre ele (e, assim, impregna nossa matemática e nossa escrita, ou seja, nossas práticas de numeramento e nossas práticas de letramento) querem sempre "pensar que é coisa com coisa"!

Mas não é assim que aquelas senhoras vivenciam a prática de trançar as palhas, embora, a técnica seja bem definida... Mas essa técnica não está numa memória de palavras... está na memória das suas mãos... Foi aprendida na observação e na experiência e não num modelo matemático ou num tutorial com descrição passo a passo, "coisa com coisa"...

É claro que estão envolvidas nessa técnica relações que nós, professoras de matemática, reconhecemos como associadas à contagem, à medida, à ordenação, à geometria... Nesse sentido, essas práticas de trançagem da palha podem ser analisadas como práticas de numeramento. Entretanto, essa análise só faz sentido, se consideramos o contexto sociocultural em que essas práticas são produzidas. E esse contexto não é só o espaço físico ou o ambiente em volta. Esse contexto é constituído também pelas histórias de vida das protagonistas, pela cultura e pelos valores da comunidade, pelas motivações e pelas dificuldades das trançadeiras...

Por isso, não é legítimo querer analisar essas práticas sob o nosso ponto de vista, o nosso modo de olhar a produção de um bem (que, em geral, quer "pensar que é coisa com coisa").

O alerta de Lurdinha nos ajuda a pensar criticamente sobre o nosso modo de olhar as práticas sociais (incluindo aí as práticas de numeramento), lembrando que é preciso

procurar entendê-las buscando a perspectiva de seus sujeitos e aproveitando para questionar os nossos modos de ver e atuar no mundo. É pra isso que servem os Estudos sobre Numeramento: pra gente entender melhor as pessoas e as comunidades, e assim entender melhor a gente mesma!

Com esse espírito é que nos dispomos a refletir sobre mais alguns aspectos em que nossas referências matemáticas, sendo mobilizadas com humildade e sensibilidade, podem nos ajudar a conhecer melhor a prática de produção dos chapéus de palha de coqueiro Indaiá, as mulheres que trançam essas palhas e a comunidade de Morro do Pilar.

As longas tranças de coqueiro Indaiá para confeccionar o chapéu são medidas em "braças". A adoção da "braça" como unidade de medida de comprimento para medir as tranças tensiona os critérios eleitos pela ciência e pelas relações comerciais e de registro atuais em documentos. Nesses casos, o critério mais importante é a padronização de modo a evitar ambiguidade na comunicação de uma medida.

As trançadeiras, porém, elegem como principal critério, a praticidade de o "instrumento de medida" estar literalmente à mão! Com isso, se dispõem a adaptar as medidas ao tamanho de suas "braças" individuais, estabelecendo quais medidas em braças (suas braças!) as tranças devem ter para a confecção dos chapéus de diferentes tipos e de diferentes tamanhos!

Isso não faz do seu sistema de medida das tranças um sistema pior do que o sistema internacional que é baseado na padronização. Não é pior porque a padronização não é para elas um valor maior do que a disponibilidade do instrumento de medida. A questão da variedade das braças é resolvida com a adaptação (que cada uma faz e memoriza) no conjunto de medidas de tranças necessárias para fazer cada chapéu.

Há ainda mais um destaque que nos ocorreu ao analisar os relatos sobre a prática de trançar: refere-se ao recorte de gênero e à participação dos diversos membros da família no orçamento familiar.

Nossa hipótese inicial era de que, seguindo a tradição, só as mulheres trançavam... e só elas sabiam/aprendiam a trançar. Seu Antônio nos surpreende com seu relato sobre sua infância e nos chama a atenção para outro recorte: o geracional. Quando crianças, os meninos também aprendiam a trançar e tinham que participar dessa prática como contribuição para o sustento da família. Naquela época as crianças eram incentivadas a

ajudar desde cedo. Então os meninos pequenos, que eram novos para enfrentar a lida no roçado, eram direcionados para a trançagem da palha; mas, logo no início da adolescência, já começavam a fazer trabalhos mais pesados. Nessa fase, as contribuições dos filhos para o sustento da família se especializavam por gênero.

Os relatos dos dois irmãos enfatizam a obrigatoriedade do cumprimento das tarefas, assumidas por obediência aos "argumentos" dos mais velhos ("*A mãe era má, mandava a gente trançar, a mãe era braba... Ah se não fizesse! Ela puxava a orelha. Se tretasse com ela, o coro comia*"; "*Eles colocava medo na gente*"), mas também pela consciência, talvez adquirida mais tarde, de que a renda precisava ser complementada com a venda de chapéus, pois a renda da lavoura era insuficiente.
As pessoas mais idosas da comunidade costumam recordar e falar sobre as dificuldades que enfrentaram quando eram crianças. Naquela época não havia a aposentadoria para o trabalhador rural, portanto, as famílias tinham que produzir para vender na cidade. Produtos como farinha de mandioca, rapadura, frutas e chapéu de palha eram comercializados para garantir o sustento das famílias. Essas atividades contavam também com a colaboração das crianças e adolescentes.

Eram tempos difíceis, por isso muitas pessoas da comunidade recordam quando os primeiros idosos começaram a receber aposentadoria rural. Contam quando o primeiro presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Morro do Pilar, fundado por volta de 1978, convocou os trabalhadores rurais para se apresentarem com os documentos para que fossem realizados pelo sindicato os processos para a aposentadoria dos mais idosos. A partir daí, houve menos pressão sobre a geração de renda e um pouco mais de conforto para as famílias. A renda da aposentadoria passa a permitir que os mais velhos se responsabilizassem pelo sustento de suas famílias.

5.4 "*Senão ele incombuca*": habilidade, decisões e efeitos nas práticas de Numeramento da costura dos chapéus

Em relação à costura do chapéu de palha de Indaiá, cabe observar que, se a trança, nas palavras de Lurdinha*, "não é coisa com coisa",* a costura é um procedimento ainda mais delicado e complexo, pois, diferente da trança, há muito mais decisões que devem ser tomadas ao longo do trabalho, embora a experiência já alerte para alguns cuidados: o lugar exato onde começar *("aonde vira a trancinha, o pezinho");* a necessidade de pegar

as palhas de duas em duas quando está fazendo a parte de cima *("Aí, cê tem que apanhar assim... duas paia, mais duas paia, senão ele incombuca, se for pegá uma só");* os detalhes de como manter a forma oval, aumentando as curvas na frente e trás da copa *("E é só na cabeça que ocê tem que panhar").*

Regem esses cuidados muitos conhecimentos geométricos que ajudam a produzir a forma do chapéu. A consciência dos efeitos que aqueles cuidados produzem na forma do chapéu fica explícita nas justificativas que Lurdinha apresenta para cada um desses cuidados: *"senão ele incombuca"; "Aqui assim não pode não"; "cê não pode panhar mais..."; "Tem hora que a gente panha"; "conforme a trança"; "senão dá defeito no chapéu"; "Pra ficar chatinho"; "aí o fundinho fica certinho".*

Além disso, a consciência dos efeitos desses procedimentos de costura no formato do chapéu se mostra nos diferentes estilos de chapéus que cada costureira produz, em muitos casos, fazendo desse estilo sua "marca registrada". É comum que alguns consumidores tenham preferência por certos estilos de chapéu de determinadas trançadeiras.

Um outro aspecto que é preciso comentar é a relação de parceria estabelecida entre as trançadeiras, como uma forma de "divisão do trabalho" na confecção dos chapéus. Algumas trançadeiras preferem não costurar o chapéu, então procuram aquelas que, por sua vez, se especializaram na costura e oferecem sua trança para ser costurada. Depois da venda, as duas dividem o valor da venda do chapéu. Algumas costureiras de chapéu costumam ir no campo, colher a palha, preparar e fornecer a palha pronta para as trançadeiras fazerem somente a parte da trançagem, principalmente para aquelas que, por algum motivo, não podem ir ao campo fazer a colheita da palha. Dessa forma, elas vão se organizando, se ajudando e favorecendo para que as companheiras permaneçam nessa atividade.

Há todo um cuidado na costura da copa e da aba para garantir a produção da forma desejada: esse cuidado envolve "dosar" quantas palhas da trança serão costuradas no mesmo ponto da linha ("panhá palha"). É justamente por isso, que nem todas as trançadeiras costuram; apenas aquelas que se dispõem (e têm habilidade para) uma tarefa tão meticulosa...

A pessoa tem que ter esse discernimento para prever, na ação da costura, o efeito que isso vai fazer na forma do chapéu: "*Se ocê não panha paia, incombuca assim ó!"; "Cê não*

pode panhá direto, porque senão vira babado puro!". Na fala da colaboradora Lurdes podemos identificar a complexidade da etapa da costura.

Numa produção industrial, esse tipo de decisão seria orientada por um tutorial que seria elaborado usando muita matemática escolar (cálculo de perímetro, medida e contagem das palhas, etc), que tem a previsibilidade, o controle e a padronização como valores... Mas, na produção artesanal, "*Não precisa pensar que é coisa com coisa, porque não é coisa com coisa não!"*

5.5 Molhar, moldar, queimar, cheirar, abafar: ação, efeito e surpresa nas práticas de enxofrar os chapéus

O processo de "enxofrar" os chapéus foi, para mim, cheio de surpresas. Em primeiro lugar porque se tratava de um processo que eu nunca tinha testemunhado, embora já tivesse ouvido a expressão "enxofrar" ... Eu me surpreendi com o fato de os chapéus serem molhados, com a dança das mãos moldando os chapéus nas fôrmas de madeira, com a queima do pó de enxofre, com seu cheiro, com as brasas de sabugo de milho, com o processo de abafar os chapéus sobre o caixote. Enfim, fiquei ainda mais admirada com a confecção dos chapéus por causa desse espanto com esse processo, super trabalhoso, de enxofrá-los e acabá-los.

Leide se divertiu com a minha surpresa. Ela conhece o processo de enxofrar desde criança e sabe qual será o seu efeito. Mas parece saber também que é difícil, sem conhecer, prever em que aquele processo vai resultar... E, mais ainda: conhecendo apenas o chapéu pronto, imaginar esses procedimentos para o seu acabamento.

Mais uma vez, a confecção dos chapéus mostra que tem seus segredos... que não é só *"coisa com coisa"* ... Mas guarda relações entre ações e efeitos, nem sempre quantificadas, mas controladas por uma sabedoria de experiência e ancestralidade.

A sabedoria ancestral está na memória do corpo das mulheres trançadeiras, nas suas mãos, que parecem realizar uma dança ao pressionar o chapéu contra a fôrma de madeira. Seu conhecimento constitui seu patrimônio cultural imaterial. São os saberes corpóreos dessas mulheres, que atravessaram gerações e estão assentados nesse ofício manual da trançagem da palha de Indaiá.

5.6 "V*ou esperar o tempo firmar, a hora que der uma arajinha, eu vou caçar uma palha":* práticas de numeramento, custo, mercado e a decisão de manter a confecção de chapéu de palha de coqueiro Indaiá.

Embora seja uma fonte de renda, hoje menos do que já foi em outros tempos, os motivos apresentados pelas colaboradoras para se dedicarem a essa difícil e trabalhosa produção remetem mais ao prazer ("*Por que gosto...*"; *"A gente costumou com esse trem, boba. É um divertimento."*; "*E eu, já gostei desse trem!"*) e a um modo de ocupar o tempo ("*Cê vai ficar sentada aí? Depois que ocê caba de arrumar suas coisa, cê vai sentá aí e vai ficar de braço cruzado?"*), que fazem também da confecção do chapéu uma terapia ("*E também, é outra: é terapia, né? Já pensou a gente que tá ficando véio... Igual a Mariza, minha sobrinha, falou: 'Ah, tia Ceição! Eu dou à tia Geralda a palha não é porque ela necessita de fazer o chapéu, não, mas para ela não fica à toa."*).

Elas também compartilham a preocupação com a tradição: tanto quando ecoam o discurso da manutenção da cultura ("*Por que... como é que fala? Que eles falam...? Não pode parar...*", "*É, isso! Pra manter a cultura.";* quanto quando se ressentem de as pessoas estarem deixando de trançar ("*Elas* [refere-se às moças mais jovens da comunidade] *nem sabem trançar!*"; "*Agora, nem as mais nova, nem as mais velhas tá trançando mais não"; "Esse povo tudo largô e eu falo assim: 'eu fico boba porque ocês largô"*).

De fato, como gerador de renda, elas mesmas avaliam a pouca eficiência dessa produção, já que dá muito trabalho e pouco lucro: *"Oh Liza! A gente brinca e tudo, mas cê sabe duma coisa? Esse trem... ocê vende o chapéu, mas isso não dá lucro pra gente não, boba! O trem dá trabalho demais... dá trabalho demais...*" Por outro lado, elas também reconhecem a importância que o chapéu já teve para o sustento da família: "*Ah minha filha! Naquele tempo tinha muito comprador de chapéu! Era barato, né, mas era um barato que, igual nós fala, era um barato que era caro e valia mais que hoje. Porque os trem também era mais em conta, né? Cê vendia baratinho. Tinha muita gente que comprava chapéu e saía vendendo por esse sertão a fora."*

Hoje esses compradores praticamente não existem. Na Feirinha de Agricultores e artesãos que organizamos na cidade, em Morro do Pilar, eu sempre levo chapéus para vender. Às vezes, participo de feiras de agricultura familiar em cidades maiores e faço uma

encomenda grande quando viajo; mas é pouco, perante a capacidade de produção das artesãs.

A dificuldade com a falta dessas pessoas vendedores de chapéu fez com que as trançadeiras assumissem outros trabalhos, que, infelizmente, não contribuem para a manutenção da sua cultura. Há alguns anos, houve uma possibilidade de geração de renda para as mulheres da comunidade: a instalação de uma Cooperativa de forminhas de papel para pães e bolos. Essa Cooperativa oferece o papel das forminhas cortados para serem colados em casa. Então, com essa oportunidade, muitas mulheres da Comunidade Lapinha deixaram de trançar e optaram por investir seu tempo fazendo forminhas de papel.

Nesse sentido, se convocamos a matemática da escola para avaliar a viabilidade econômica dessa confecção artesanal de chapéu de palha de coco Indaiá, ela vai nos indicar que não vale a pena...

Mas esses cálculos não servem para avaliar o compromisso com a beleza, a tradição, o prazer e a cultura: "*E eu não parei não, eu acho bom, menina! Eu acho tão gostoso! Ocupa o tempo! De noite, assim, boba, eu passo a mão na minha trança e vou trançar...*", *"Eu falei: 'vou esperar o tempo firmar, a hora que der uma arajinha* [abrir o sol], *eu vou caçar uma palha'."*

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta a descrição da atividade ancestral das trançadeiras na confecção do chapéu de palha de coqueiro Indaiá na Comunidade Lapinha, em Morro do Pilar, MG. Essa atividade, mais do que passatempo ou alternativa de geração de renda, é também resistência da cultura ancestral sendo transmitida de geração em geração, trazendo enorme conexão das trançadeiras com a natureza e as levando ao aproveitamento da folha do coqueiro Indaiá, que se apresenta abundante na região.

A realização desta pesquisa me despertou para o quanto é importante registrar, descrever e fortalecer as práticas culturais de trabalhos manuais realizados pelas campesinas e campesinos em comunidades tradicionais camponesas do estado de Minas Gerais. Trouxe ainda a oportunidade de conhecer os muitos detalhes da relação das mulheres trançadeiras, entre si e com a tradição da confecção do chapéu de palha de Indaiá. E, principalmente, aumentou a admiração que sinto pelas mulheres camponesas trançadeiras, que enfrentam a labuta da vida cotidiana desde criança, superam dificuldades e mantêm sua cultura viva e a sabedoria ancestral de suas mãos e de seus corpos.

Ao procurar, com nossos olhos de educadoras matemáticas, práticas de numeramento protagonizadas pelas trançadeiras de chapéu de palha de Indaiá, percebemos, nas falas das colaboradoras da pesquisa, que o saber fazer chapéu vem de uma história de vida e resistência de uma comunidade, onde as mulheres se dedicam a essa atividade há muitos anos e preocupam-se em transmiti-la à juventude. O saber está na convivência familiar, que vai sendo passada a passos lentos, desde criança. As meninas – e os meninos quando crianças menores – viam sua mãe trançando e já brincavam com as palhas, desde novas, porque era difícil aprender a trançar. Levava tempo. E logo que desenvolviam habilidade, as crianças eram direcionadas para colaborar com o trabalho de geração de renda, através da trançagem da palha para a confecção dos chapéus, em uma época, em que no campo, não era fácil sustentar a família apenas com a produção da lavoura.

Ao adentrar nos mistérios da confecção do chapéu de palha, foi possível perceber que, além da forma própria de produzir os chapéus, as trançadeiras constroem ideias matemáticas surgidas das necessidades de sobrevivências do grupo. Mas, essas práticas

nem sempre coincidem com os processos escolares, especialmente porque nem sempre compartilham as mesmas intenções e os mesmos valores: as práticas de numeramento na confecção de chapéu de palha de coqueiro Indaiá não são, como as práticas de numeramento escolares, "*coisa com coisa*". É esse modo próprio de tomar decisões no processo que contribui para a valorização da cultura e da identidade dessa comunidade.

Podemos considerar, a partir das observações feitas e da reflexão que elas suscitaram, que ocorre mobilização e atualização pelos sujeitos de diversos saberes e fazeres envolvendo conhecimentos que nós reconhecemos como "matemáticos". Isso é importante para nós, educadoras matemáticas do campo, porque amplia nosso repertório de referências do campo para conferir significados a conhecimentos matemáticos escolares... Mas, não é o que mais "salta aos olhos" nesta pesquisa. O modo como as trançadeiras reagiram quando lhes perguntei se alguém já tinha falado que elas "fazem matemática", sem dar muita importância para a minha indagação, e confirmando quase que para evitar que a contestação fizesse o assunto render *"Fala... fala..."*, e mudando de assunto imediatamente, mostra que essa não é uma preocupação, ou não é um modo como elas encaram essa atividade.

Assim, a prática cultural que atravessou gerações, a sabedoria do corpo, a resistência das trançadeiras em sua luta diária se tornou também para nós mais significativas do que provar que a atividade matemática está presente na confecção do chapéu.

Espera-se com este estudo contribuir com as trançadeiras e com a Comunidade Lapinha no que se refere à valorização dos saberes ancestrais para que as práticas culturais dessa comunidade não sejam apagadas com as transformações que a sociedade e o campo vêm passando. E, ainda, que ele possa apontar possibilidades de se trabalhar os conhecimentos escolares de forma a valorizar a cultura local e os artefatos da comunidade em que as escolas estão inseridas, dando um novo sentido ao ensino de matemática na Educação do Campo.

Ao refletir sobre este trabalho de conclusão de curso e analisando também todo o processo de formação que recebemos na Licenciatura em Educação do Campo, percebo que o conhecimento, neste caso, ocorre em via de mão dupla, ou seja, assim como os campesinos estão tendo a oportunidade de conhecer e cursar uma graduação, estão também deixando registradas na Universidade suas histórias de luta, suas práticas

campesinas, seus saberes, descritos e valorizados na Academia através de suas monografias.

As mudanças conquistadas pelos movimentos sociais no sistema das Universidades Federais Brasileiras, buscando abertura para a inclusão dos povos do campo e também indígenas, estão sendo fundamentais para o fortalecimento da resistência desses povos e para a ampliação da relevância social e científica da Universidade. Essa formação para educadoras e educadores campesinos – a Licenciatura em Educação do Campo – é estratégica para as comunidades e aldeias, para que seja formado um corpo, uma juventude consciente de seus direitos, que venham futuramente a assumir responsabilidades, no processo de valorização das culturas campesinas: sejam essas culturas de plantios de alimentos, artefatos manuais utilizados no dia a dia do campo, extrativismo, preservação e recuperação das nascentes e matas, arquitetura das casas com materiais locais, remédios caseiros...

Só a formação da juventude voltada para a conscientização sobre a necessidade e as estratégias da luta contra uma realidade política de extermínio dos povos originários e campesinos pode reverter esse processo de genocídio que está instalado em nosso país e no mundo. Nesse sentido, a Licenciatura em Educação do Campo apresenta e valoriza, já na recepção dos calouros, as lutas e as bandeiras de muitos movimentos sociais que defendem os povos do campo e a natureza a qual pertencem... Essas licenciaturas representam assim um salto de qualidade no projeto de formação de educadores da Universidade Pública no que se refere à conscientização dos seus estudantes e docentes, e de toda a comunidade universitária, sobre a realidade sociocultural que vivemos!

É um orgulho participar de um curso de graduação que traz este elemento de luta por direitos, por terra, trabalho e justiça.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARES, Sonia Carbonell. **A pedagogia artesã como práxis educativa em culturas populares tradicionais.** Educação e Pesquisa, vol.45. São Paulo: 2019. Epub 18-Abr-2019

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão**. Procampo.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35322. Acesso em: 30/04/2019.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo**.** In: CALDART, Roseli S.; PEREIRA, Isabel B.; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 257- 265.

CALDART, Roseli S.; PEREIRA, Isabel B.; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAVALCANTI, Flávio R. **Com quantas braças se perfaz uma légua.** Blog Estórias de Antigamente. Publicado em 28 de julho de 2014. Disponível em http://doc.brazilia.jor.br/HistDocs/Medidas-antigas-nao-decimais.shtml. Acesso em 9/9/2020.

DIAS, Ana Helena de Souza. **Influência de Attalea dubia (Mart.) Burret (Arecaceae) no recrutamento de espécies arbóreas em um fragmento de Mata Atlântica.** 31. f. Monografia. Curso de Graduação em Engenharia Florestal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Florestas, Seropédica, RJ, 2011.

FONSECA, Maria da Conceição F. R. Práticas de numeramento na EJA. In: CATELLI JUNIOR, Roberto (Org). **Formação e prática na educação de jovens e adultos.** São Paulo: Ação Educativa, 2017.

MERELES, Carla. **Luz Para Todos: o que você sabe sobre esse programa social?** Publicação no site politize.com.br em 12 de julho de 2017. Disponível em https://www.politize.com.br/luz-para-todos-programa-social/Acesso em 29/09/2020.

MOSQUEN, Maria Helena Romani. **A mística da educação do campo**. Publicado no blog educacaodocampomariah.wordpress.com em 19 de outubro de 2011. Disponível em https://educacaodocampomariah.wordpress.com/2011/10/19/mistica-da-educacao-do campo/ Acesso em 29/10/2020.